

*as
farinhas
de trigo
de maior
rendimento*

MOINHO RECIFE

GRANDES MOINHOS DO BRASIL S.A.



Meias Manon

São as preferidas pelas elegantes por ser as mais finas e resistentes

PREÇOS AO ALCANCE DE TODOS

À VENDA EM TODAS AS CASAS DE 1^ª ORDEM

Representantes exclusivos:

ALBERTO FONSECA & CIA. LTDA.

AVENIDA MARQUEZ DE OLINDA, 122

RECIFE - PERNAMBUCO

PRÁ VOCÊ

(Segunda phase)

Direcção de JOSÉ CAMPOLLO
Secretaria de EUGENIO COIMBRA JUNIORRedacção: Rua do Imperador Pedro II, n.
221-3. andar. — Phone 60-64

RECIFE PERNAMBUCO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA DA EMPREZA "DIARIO DA MANHÃ S. A." EDITORA DOS JONAES "DIARIO DA MANHÃ" E "DIARIO DA TARDE"

Director-presidente—dr. Renato Carneiro da Cunha
Director-thesoureiro—dr. Oscar Berardo Carneiro da Cunha

Número Avulso: Capital e interior 1\$500

Nos Estados: Número avulso: 2\$000

Assignaturas:

Annual	36\$000	Assignaturas: <table border="0"><tr><td>Anno</td><td>48\$000</td></tr><tr><td>Semestral</td><td>24\$000</td></tr></table>	Anno	48\$000	Semestral	24\$000
Anno	48\$000					
Semestral	24\$000					
Semestral	18\$000					

Esta revista contém 44 páginas em
papel couché, inclusive a capa.PUBLICAREMOS em cada um dos números de
"Pra Você" duas novellas de sensação, especialmente
traduzidas para esta revista.

SOBRE O CIUME

Ha no ciumento mais amor próprio que amor.

+
Um ciumento está sempre mais além do que
aquelle que procura.+
Os ciumes nascem
sem olhos e sem ouvi-
dos.+
Os ciumes grosseiros
só uma desconfiança do
ser amado; os ciumes de-
licados, uma desconfiança
de si mesmo.+
Existem muitas espe-
cies de ciumentos: os mais ra-
tos são os do coração.+
O amor dos ciumentos parece-se, quando não é
ignorao odio.O ciumento passa a vida em busca de um
segredo cuja descoberta lhe custa a sua felicidade.+
O homem ou a mu-
lher ciumentos não é o
amante que ama; é o
proprietário que se abor-
rece.+
Os ciumes são o maior
de todos os males, do
qual todos se compade-
cem, menos o individuo
que os causa.+
Se o ciume revela al-
guna força, esta força é
a do amor insensato.

AS TUAS MÃOS

António Correia d'Oliveira

*As formas da matéria que Deus cria
São a expressão do espírito e não mais;
Elos de éthereas linhas musicas
Corporisadas em nudez sombria...**Tuas mãos de espectral melancolia,
semeando a graça e a luz por onde vaeis,
de que divinas mãos espirituais
serão a imagem argilosa e fria?**Sei lá! Sei lá... Quem sabe com que dedos
a aurora entreabre a sombra, e os arvoredos,
e o mar profundo e o seio das violetas;**e que dedos de espíritos virão,
à noite, abrir em febre e inspiração
as almas silenciosas dos poetas!*+
Os ciumes não provêm do amor que se expe-
rimenta, senão do que se pretende conseguir.

(De autores desconhecidos)

A SORTE QUEM DA' E' DEUS...

E NA LOTERIA
FEDERAL

É O

CENTRO LÓTERICO

RUA JOAQUIM TAVORA, 67 — RECIFE



KERMESSE

de Esdras Farias.

AURORA DUPIN, a George Sand apaixonada de Musset, foi uma estroina na vida e no amor. Começando-o por Julio Sandau, secretario de Balzac, e seu primeiro amante, iniciou a sua vida de grande amorosa.

Do nome do primeiro amante conseguiu formar o seu pseudonymo literario.

Sequicas de aventuras, chumbou á sua vida a vida de Chopin, do medico Pagello, Planche, Miguel de Bourges, Didier, Pelletan, Prospero Merimée e Musset. E é melhor que fiquemos neste, para não relembrar os demais favores concedidos a qualquer homem, pela ardente romancista...

Mulher de temperamento inquieto, morena e romantica, eram seus olhos humidos e negros. E, por isso, feliz do mortal por quem esses olhos ardentes se apaixonasse.

Numa época de intrigalhadas amarosas e contendas literarias nos salões elegantes, frequentados pela aristocracia intellectual francesa, as mulheres de espirito não permitiam, longe de seus affazeres, o beijo de um amante nem as caricias de uma noite de amor. Com a liberdade de ação e movimento a que se permitiam, hontem, essas mulheres de espirito, George Sand se elegia, por isso, a heroina de seus proprios romances, sem, mesmo, procurar occultar sua personalidade. E através desses dramas intimos, cheios de scenas sensacionaes, conseguiu de sua vida fazer um grande poema de amor.

Creou o seu proprio ambiente. Enfeitou-o ao seu modo. Queria ser feliz. Amar. Viver.

O inedito e o imprevisto fascinavam-na. Amou e foi amada, inspirando aos artistas de seu tempo a paixão sublime que incencia a alma, transforma o homem num Deus elevando o amor á dignidade das sensações magnificas.

Mulheres que se não preocupavam com o publico. Não se envergonhavam de contar na prosa e no verso os seus desenfados, esboçando, em traços fortes, os segredos de alcova, a delicia de seus coloquios amorosos e até a densidade de seus prazeres.

Glorificavam as energias masculinas, os grandes minutos passionaes, incensando de metaphoras sonoras a eloquencia viril, a forma apolinea daquelle que lhes abrisse o velario transilicido do amôr.

George Sand é, porem, a figura central desse grupo de heroinas.

Percorreu as cidades romanticas — Veneza, Nápoles, Sevilha, sempre e procura de sensações novas. Em Sevilha, com Merimée. Em Veneza, ao lado de Musset. E foi este, sem duvida quem mais amou apaixonadamente, em sua existencia inquieta, a criatura de olhos negros e humidos, a quem jamais esqueceu.

Na vida de George Sand e Alfredo de Musset infantilidades surprehendentes, dignas, porem, dos dois grandes românticos.

Não é que surprenda a alguem o ter George Sand abandonado Chopin tuberculoso e triste e ir chorar, para longe, o desespero de deixá-lo irremediavelmente perdido. Não é dado ao homem o milagre de perceber, na alma de uma mulher, quando e porque abandona aquele a quem ame para chorar as desditas desse abandono. Assim, levada por essa inquietude de infinito, de liberdade sequiosa de tudo e saciada de tudo, George Sand affastou-se de Chopin e foi viver para os seus filhos, e chorar a amargura por haver deixado o divino týsico.

Sentindo-se trahido pelo seu amigo, o medico Pagello, Musset resolveu abandonar Veneza, ainda doente, acabado. George Sand ia, apenas algumas vezes, visitá-lo, á cabeceira do leito. E, antes que o poeta se resselvesse a abandoná-la pela nova situação creada entre ambos, ella resolveu abandoná-lo, fugindo com o seu amigo. Entre as joias caras, as preciosidades artisticas que deixaram na precipitação da fuga, havia um velho pente de tartaruga, resto de algum poema, de algum romance sem palavras vivido entre ambos. Alfredo de Musset

que não só bebia com elegancia, á flor dos labios, como era subtil de maneiras deante, mesmo, dos grandes fracassos mornos, escolheu, entre os objectos de arte e as joias preciosas, aquelle resto de lembrança de outros dias quando viviam felizes ao lado um do outro.

Entre os episódios sentimentaes que enchem a vida amorosa dos grandes sonhadores, Alfredo de Musset, o poeta galante, alma subtil e fluente na doçura de seus versos, romantiso a historia magnifica de um coração. Além do amor desinteressado e puro que devotava á sua amante, encanto outro encontrava que o fascinasse entre os preciosos objectos, all abandonados. Sua nobresa de espirito, o desinteresse, o despreendimento de seu gesto é de uma elegancia de maneiras digna de um espirito altivo, sem ambições outras além das que se prendem ao objecto amado e ao ambiente moral pelo mesmo criado.

O ESTYLO E O HOMEM...

O scriptor deve ser perfeito e honesto. E para isso procurar errar sempre. A formação do estylo está dentro de um ambiente puramente humano, com as suas psychoses, os seus defeitos. E prova de originalidade errar. Dir-se-lá que o scriptor descobre em si mesmo, e, involuntariamente, o merito inconfundivel de sua capacidade, errando do começo ao fim o que os outros exigem de puro e perfeito. ALEXANDRE GREGO.

O AMOR

No goso medindo força,
tão grande é a nossa efusão,
que eu te comparo a uma corça
morrendo sob um leão.

ESCUTE, NOSSA SENHORA MAE DE DEUS:

Virgem Santa
Dolorida,
Das 7 espadas
do Amor.
Virgem Santa
Eu te imploro,
Com o meu choro,
Que minha morte
Seja a morte
De uma flor!

CHARLES SOUSSENS



Fabrica de CAPAS

MARCA FELD. REG.

Manteaux de Seda e de Lã
Capas de Gabardine e
Borracha para homens
e senhoras.

Em grosso e sob medida
Rua da Imperatriz 35 1.º

S. FELDMUS

O QUESTIONARIO DAS DOZE PERGUNTAS



— Que é indispensável a uma verdadeira felicidade?

Ser feliz completamente, oh que ambição desmedida! Pois no mundo há tanta gente, que frue desgostos somente nesta vida...

— Que mais influe para a felicidade do casamento?

Para haver boa união, é indispensável amizade, pois que a felicidade, só depende da amizade.

— Qual a qualidade mais apreciável no homem e na mulher?

Uma mulher previdente desperta admiração, e um homem bravo, valente, causa sempre sensação.

— Qual a sua maior fra-

queza?

Bem difícil a questão, nada digo, com certeza; Indago e procuro em vão a minha maior fraqueza.

— Qual foi o melhor livro que já leu?

Das leituras que já fiz, a mais querida é a que se lê nas páginas da vida.

— Qual a música que ouve com maior emoção?

O accento emocionante de uma canção regional lembra a alma nacional, sincera, humilde, tocante.

— Qual foi até agora a sua maior desillusão?

Saber que as desillusões matam, na vida, a esperança, trazendo a desconfiança, que envenena os corações.

— Que idade lhe parece mais conveniente para uma amizade sincera e duradoura?

Moço ou velho, é indiferente. Que o amor não envelhece, diz o provérbio, e não mente, pois, o velho, quando sente, a idade esquece.

— Quais as suas diversões preferidas?

A natureza me atraí, passo horas a sonhar, olhando o céo, vendo o mar, à hora em que o sol se esvai.

— Quantos anos desejaria viver?

Desejaria viver longos anos venturosos, bem tranquilos, proveitosos, e mui vênhinha morrer.

— Que considera mais útil a humanidade?

De paz, de educação, bem precisa a humanidade. E' necessária a união, o amor, a fraternidade.

Este questionário é solicitado.

As respostas não devem exceder de seis linhas e devem ser escritas em letra bem legível.

Qual é o maior ideal de sua vida?

Viver sempre alegremente e, do mundo, ante a mal-idade, passar, feliz e contente, amando o bello, a bondade.

Maria Leticia de Andrade Lima.

Banco Central de Pernambuco

Rua do Imperador Pedro II, 362

RECIFE

Códigos: "Mascotte", "Ribeiro" e Particular"

End. Tele. "CENTRAL"

Caixa Postal, 263

TELEPHONE, 6573

Capital integralizado 600.000\$000

Fundo de reserva 130.000\$000

Correspondentes nas principais Praças do País

HOTEL CENTRAL

AVENIDA MANOEL BORBA, 209

RECIFE

Explendido "dancing", localizado na "terrasse", decorado em estylo moderno por

AVELINO PEREIRA

Diariamente dansas e outras atrações das 20 às 24 horas

COCK-TAILS ÀS 17 HORAS

Sorvetes — Bebidas — Gelados

Horacio Saldanha & Cia.

IMPORTADORES
DE CARVÃO
DE PEDRA.

Serviços Marítimos

Av. Marquez de Olinda,
143, 1.º andar

CAIXA POSTAL, 140

Phone, 9144

RECIFE-PERNAMBUCO

AS MULHERES

serão capazes de conhecer a amizade?

▲▲▲

EXAMINANDO velhos recortes de jornais e revistas, encontrei um que me havia de fornecer a sugestão para essa pergunta.

Abél Bonnard, que publicou um livro de maximas sobre a amizade, propôs o problema ao seu amigo, homem misógino, nos seguintes termos:

— As mulheres serão capazes de conhecer a amizade? E o amigo lhe respondeu:

— As mulheres não foram feitas para compreender a amizade... Elas repugnam esse sentimento, precisamente pelo que elle tem de constante, de ideal, de seguro... A sua serenidade lhes causa aborrecimento.

E o exímio periodista commentava: — Esquecem-se assim os grandes exem-



plos da historia, como o de Chateaubriand e "Madame" Recamier, que legaram ao mundo um exemplo immortal de verdadeira amizade."

▲▲▲

FALA UM POETA:

DECIDIDO a conhecer a verdade por mim mesmo, procedi a uma série de "enquetes" que, segundo eu julgava, podia esclarecer-a. E foi assim que, num gabinete silencioso como todos aqueles em que gostam de refugiar-se certos artistas profundos e requintados, me pus a conversar com o meu amigo poeta.

Inclinando-se sobre a mesa, escreveu e entregou-me estas linhas:

“Não. Para mim não é possível a amizade entre o homem e a mulher. E isso se explica porque um delles começará por uma amizade espiritual; mas isto cessa.

Pode-se ter uma amizade assim com uma mulher velha ou feia; com uma mulher jovem, bonita ou saudável, é impossível. Ha de se antepor a esse puro sentimento a attracção feminina; e quando a mulher não a possuir, a amizade esfria e vai decahindo lentamente, até o esquecimento.

Nem entre os casados a amizade é possível. Quando um marido diz que quer a sua mulher como uma amiga ou como uma irmã, mente: é que já não

a quer... “Ademais, eu sou essencialmente egoista. Como estou terrivelmente apaixonado, não me preocupa a amizade de nenhuma mulher, nem mulher alguma fala ao meu espírito ou ao meu coração. Tão pouco me seria possível dividir o meu afecto entre a mulher que adoro e uma amizade insípida.”

▲▲▲

FALA UMA ESCRIPTORA:

TRATANDO-SE de buscar uma opinião contraria, interroguei à uma amiga minha, colega de curso. Mas formulei a pergunta de outra maneira:

— Sentem-se as mulheres diminuídas ou furtadas, quando os seus pretendidos amigos não lhes fazem a corte?

Mirando-me com os seus olhos fáscinantes de malícia, ella me respondeu:

— Será que nenhum de vocês não teve nunca uma amiga?... Creio que o homem se compraz em caluniar a mulher, em reduzil-a a instincto, porque é incapaz de comprehendê-la. Eu sei de homens e mulheres que têm sido leais, bons amigos e...

Pareceu reflectir, indecisa, como se temesse o fim das suas proposições. Insistiu:

— ... e...?

— ... e se a amizade que os prendia acabou, não foi por culpa da mulher.

— Tampouco por culpa do homem.

— E' que o homem crê sempre encontrar, em cada mulher, uma vítima do seu poder de sedução.

▲▲▲

UMA AMIZADE PURA

PROSEGUEI na minha inquirição sem nada concluir de certo.

— Amizade? — respondia-me um dos entrevistados. — Nenhum amigo tão seguro como uma mulher, quando foi uma idéa que della nos approximou...

— Se creio possível a amizade entre um homem e uma mulher? — dizia-me outro. — Esquece, então, que a mulher é instincto puro? Mas eis que depois desta ultima e aspera resposta vi, entre aplausos, inquieta e perturbadora, uma bella atriz, logo depois de ter representado o seu papel ás luzes do scenario.

Desfechei-lhe a pergunta. — Vou dizer-lhe o que nunca confiei a ninguém — respondeu-me. — Eu tenho um amigo que se encontra actualmente no estranho. E' um amigo que satisfaz a todos os idéias e exigências da mais pura amizade. Entre elle e eu nunca houve a complicação sentimental mais simples...

— A mesma amizade já o é...

— Não a nossa. Conselhos, confidencias, opiniões e nada mais. Essa ajuda e apoio morais que as vezes nos são tão necessários. Nada mais...

— E estará você segura de que o seu amigo nunca tenha desejado, em segredo, que existisse alguma coisa mais profunda entre vocês, que uma simples amizade?

Percebi que se tinha perturbado, que

uma sombra aparecera sobre aquela fronte tão admirada do publico, sobre aqueles olhos onde parecia adensar-se um mysterio magnifico...

Mas logo, com voz tranquilla e firme, replicou:

— Estou absolutamente segura.

▲▲▲

SEGREDO E CLARIDADE

APRESENTEI o caso a um pintor. Mas este m' o contestou com esta outra pergunta:

— Você já teve alguma amiga mulher?

— Não.

— Eu tampouco. Entre elas e nós outros, os homens, todos os assumtos se resolvem em segredo e mysterio. E nada é mais contrário a essa característica do que a amizade. A amizade é luz, sinceridade, claridade, precisão... Não será possível a amizade em tais condições com uma mulher!

▲▲▲

AS MULHERES SÃO MÁS AMIGAS...

ULTIMAMENTE, encerrei a "enquête" com uma minha camarada: jovem, viva e bella, a quem conheço desde a infancia. Uma especie de irmãsinha. (Para mim é esta a unica forma de amizade entre homens e mulheres...)

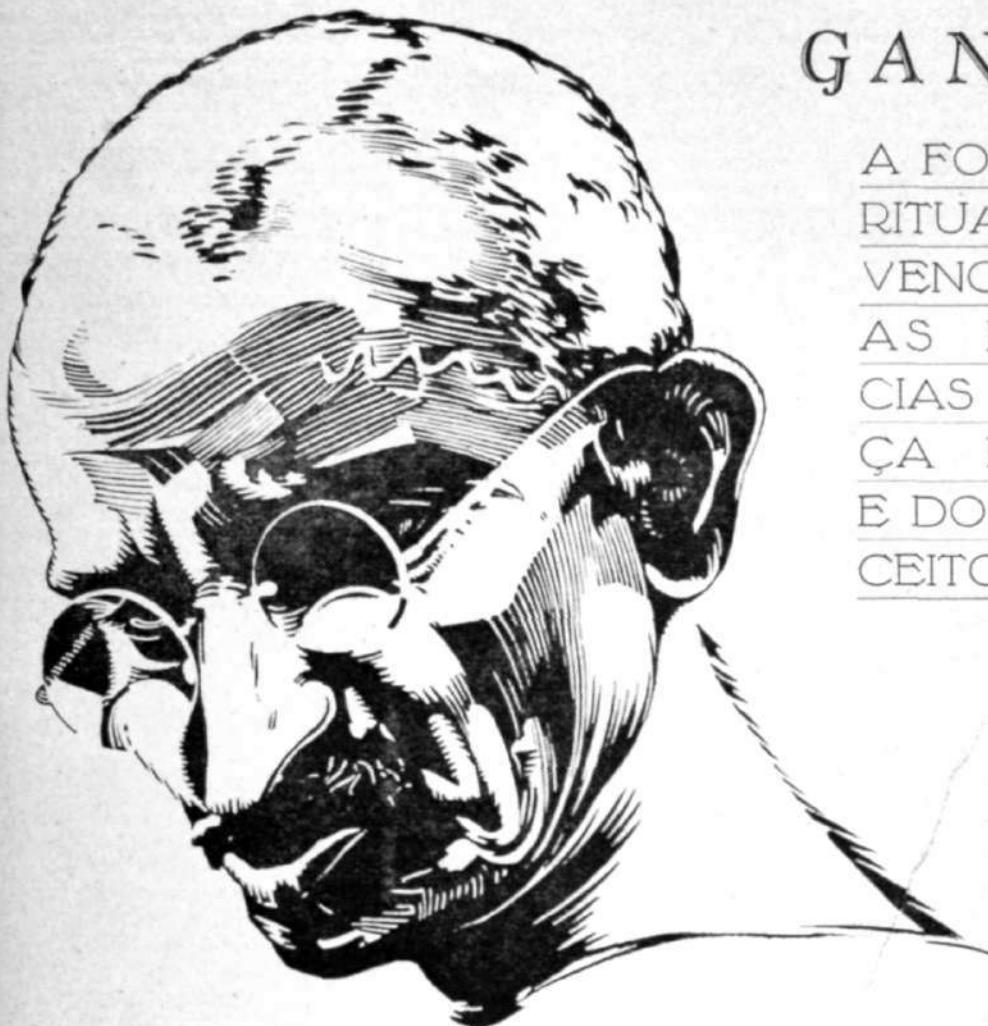
— Dize-me: já encontraste em tua vida um homem que fosse teu amigo, sem pensar noutras coisas?

— Sim: tu.

— Não se trata de mim. Algum outro amigo dos que já tiveste foi unicamente teu amigo ou melhor: quiz ser apenas isso?...



— Nunca. As mulheres, mesmo entre nós, somos más amigas. Destruímos umas as outras. Negamo-nos. Só em nos olhamos, já estamos dizendo que nenhuma de nós vale um vintém... Imagina o que ocorre, quando se trata de um homem! O pobre, por melhor amigo que seja, fica reduzido a nada... Que fazer? Se somos assim... por culpa mesma dos homens...



M. BANDEIRA

H AVERA' sinceridade na attitude do *mahatma* Gandhi — essa estranha figura de apostolo que se ergueu contra o maior Imperio Colonial do mundo apenas com a força espiritual da sua consciencia, sem uma arma e sem um soldado? E' de parecer que sim. Não nos seria lícito duvidar da sinceridade das suas attitudes, tendo em vista o sacrificio que o chefe dos nacionalistas hindús está fazendo em prol da sua causa, quando se considera que ele não vacilla em desafiar, não tanto aos ingleses como aos seus proprios concidadãos, defendendo as castas oprimidas, até os "intocáveis" — pârias cujo conta-

cto constitue uma profanação para os individuos das castas superiores. Gandhi atreve-se assim a impugnar uma das instituições millenarias mais peculiares á India, uma instituição, consagrada por leis humanas e "divinas", que os ingleses, que têm abolido outras de igual antiguidade, como, por exemplo, o *suttee* ou seja a morte das viúvas na fogueira que consumia os restos mortaes de seus maridos, não se atreveram a tocar...

Faz-se remontar, geralmente, esse odioso e deshumano regime á época da conquista da India pelos guerreiros de raça aryana, vindos do Norte. Os conquistadores, querendo con-

servar a sua supremacia sobre os aborigens vencidos, estabeleceram uma divisão rigorosa entre eles e os povos conquistados. Não eram elles todos iguaes por sua raça; embora fossem todos aryanos se dividiam em brahmanes de tez clara, *kshatryas* vermelhos e *vaishyas* amarelos. Falavam um mesmo idioma aryano — o sanscrito e eram de tez mais clara que os aborigenes.

Essa divisão, estabelecida por motivos de ordem politica, adquiriu, mais tarde, o caracter de uma prescrição religiosa e foi, além de mais, se complicando em face do augmento de castas, que a principio eram quatro ou cinco. Estabeleceram-se novas diferenças, agora fundadas não somente na raça, mas tambem nas occupações das diferentes classes. Pode-se, sem embargo, citar, a propósito, tres classes superiores, a que pertencem os "duas ve-

zes nascidos" e os pârias, cuja missão é viver a serviço das outras castas.

E' significativo que muitos dos missionarios que se dedicavam á propaganda da fé christã na India, achassem prudente respeitar o regime das castas e o papa Gregorio XV (1621-1623) publicasse uma bulla que regulamentava a sua applicação, mas não o suprimia. Os budhistas contemporisavam tambem com o regime, embora Budha houvesse supprimido a divisão das castas.

Pois bem, essa instituição millenaria, que resistiu a todos os seus adversarios, ás religiões, aos apostolos, aos renovadores, parece agora não poder resistir a esse homem esquálido que se encontra detido...

Tanto pode a força espiritual sobre todas as resistencias tangiveis dos interesses politicos, economicos ou de castas...

GANDHI,

A FORÇA ESPIRITUAL QUE VENCE TODAS AS RESISTENCIAS DA FORÇA MATERIAL E DO PRECONCEITO

O alcool é uma das bases fundamentais da natureza. Seria inutil querer o homem prescindir delle. Assim o demonstraram as conclusões dos estudos que fez a respeito um dos mais eminentes sabios modernos: o prof. Muntz.

Vivemos rodeados de alcool. Respiramos, comemos e bebemos alcool. E, até quando morremos, os nossos restos são queimados por elle...

O Diccionario da Academia define o alcool como um "líquido diaphano, incolor, inflamável, de sabor acre e cheiro forte e agradável, que por meio de distilação a fogo lento se consegue apurar os licores espirituosos e também de substâncias orgânicas fermentadas". Tudo isto é verdade, mas não dá a idéia exata do que o alcool é para o chimico. Este pode hoje encontrar alcool em toda parte.

O alcool existe, por exemplo, na agua. Bebemos a agua dos mananciaes: o alcool é um dos seus elementos naturaes embora em pequena quantidade. Da mesma maneira, se bebemos a agua de chuva. Daí esta conclusão verdadeiramente desconcertante: não existe ninguem, por mais inimigo que seja do alcool, que o não beba diariamente; a não ser que se privasse de beber agua.

Só ha uma especie de agua sem alcool: a agua do mar. Mas até agora não se descobriu um processo para beber agua salgada...

Dissemos acima que respiramos alcool.

O ALCOOL

E, com effeito, este se desprende das partes da Terra que são abundantes em matérias orgânicas, da mesma maneira que o encontramos no ar em estado de vapor.

Nas substâncias que nos servem de alimento, em grande parte, pelo menos, encontramos alcool. Ele existe até no café e no chá, pois estas substâncias procedem de plantas que crescem em países onde a terra é rica em substâncias orgânicas. E como a vida de uma planta depende da terra, deduz-se que o alcool se combina com os demais elementos que constituem a estructura fibrosa de ambos os vegetaes.

Todos os chimicos sabem que se encontra o alcool na batata, da qual elle pode ser extraído. E ninguem ignora que a batata é um dos vegetaes que mais se comem no mundo.

Comprende-se que a presença do alcool nas substâncias alimenticias não é o resultado de nenhum capricho, mas obedece à uma finalidade. Segundo os fisiologistas, o alcool tem propriedades estimulantes e neste sentido tanto actua no ar que respiramos como na agua que bebemos, como nos productos da terra, de que nos alimentamos.

Toda a substancia comestivel que contenha assucar sob qualquer forma, é susceptivel de apresentar o phänomeno, chamado de fermentação vinicola e pode,

portanto, ser considerada como contendo todos os elementos e propriedades do alcool. E' claro, porém, que não nos estamos referindo ao producto commercial, mas ao producto natural. Ambos são análogos em principio, mas nas bebidas espirituosas, nos vinhos, nas cervejas, nos licores o alcool se encontra quasi sempre demasiadamente concentrado.

Na cerveja, tanto a doce como a amarga, encontra-se cinco por cento de alcool, pouco mais ou menos; nos vinhos ligeros vinte por cento e nos alcooes de comércio, mais de cincuenta e sete por cento.

Na fermentação do pão acabado de fazer calcula-se que exista, aproximadamente, um por cento de alcool.

Alguns chimicos supunham que esse alcool era eliminado pelo calor do forno. Mas se demonstrou recentemente que semelhante suposição era erronea.

O dr. Thomaz Graham experimentou cozinhar pão sem alcool. Era um pão feito de levedura, mas no contendo mais que farinha e agua e no pôde eliminá-lo por completo, desde que a sua presença na agua é um facto constatado.

A leitura destes commentarios não deve, porém, alarmar as pessoas que tenham declarado guerra de morte ao alcool: o alcool natural, ingerido tal qual nos dá a natureza, é tão benefico quanto é prejudicial o producto da industria e do comércio.

Escola de Cultura “FLORIANO”

DIRECTOR INSTRUCTOR: JOSE' FLORIANO PEIXOTO

RUA DO HOSPICIO N. 697 — TELEPHONE 2543

Do pesado faz-se o leve e do fraco o forte—Massagens manuaes, gymnastica sueca, respiratoria e acrobatica.
BREVEMENTE — aulas nocturnas e inauguração das aulas especiaes, de LUCTA ROMANA.

AULAS PARA SENHORAS E CAVALHEIROS

AULAS DIARIAS DE 6 AS 12 E DE 14 AS 18 HORAS.



FERREIRA

apresenta as
ultimas crea-
ções da moda
masculina

Rua Larga do Rosario, 138
1.º and. - Phone 6775



Esporte

*O 2.º team do Santa Cruz vencedor
do campeonato do anno de 1932*

Banco Auxiliar do Commercio

Installado em 26 de Dezembro de 1912

Com o capital realisado
de Rs. 600:000\$000

Tem hoje entre, capital e re-
servas, a importancia de
Rs. 5.371:852\$470

Já distribuiu de dividendos,
entre seus accionistas, a impor-
tancia total de **Rs. 3.269:021\$600**

Filial na cidade de Caruarú
Endereço Telegraphico "AUXILBANCO"
Caixa Postal 215
Rua do Imperador Pedro II N. 290
RECIFE

LIVRARIA COLOMBO

Uma das melhores do
Recife

OBJECTOS DE ESCRITORIO,
ARTIGOS ESCOLARES

Papelaria - Typographia

M. Campos & Cia. Ltd.

Rua da Imperatriz, 254
PHONE 2744



Uma aula do dr. João Alfredo na Escola de Bellas Artes de Pernambuco

O CAPITÃO MAVROMATI



STAVAMOS sóz. O Capitão o me contemplava com a expressão satisfeita. Mudo de felicidade, tomel-lhe a mão direita e a beijei com agrado decimento filial; fui logo

correndo para a minha cama e escondi o livro debaixo do travesseiro, dissimulando-o bem, entre um montão de roupa.

E desde aquele momento a sinta "bíblia" da minha adolescência — meu livro de horas, que não mais deixei de ler pelo espaço de dez annos e que tenho salvo de todas as catastrophes — havia de acompanhar-me por todos os meus caminhos ensanguentados, chegando a ser muitas vezes, em minha vida de menino atormentado, minha única fonte de felicidade espiritual. Quantas vezes, tiritando de frio, horas e mais horas, na cama, me levantei para ir buscar o dicionário no logar onde o havia deixado por esquecimento! JÁ não consentia, ao relê-lo, que me passasse uma só palavra, cujo sentido me resultasse obscuro.

Acabaram-se as preocupações! JÁ não conhecia fadiga nem brutalidades, nem pensamentos melancólicos, enquanto permaneci em casa de Kir Leonida; nada existia, já, que me desvanecesse da idéa de trabalhar e de tolerar a vida. Um homem vencido, acabava de pôr em minhas mãos um thesouro: cada uma das suas páginas encerrava um mundo de conhecimentos: cada uma das suas palavras abria, ante mim, horizontes completamente novos. Ademais, aquelle maravilhoso descobrimento que acabava de realizar por mim mesmo, sem a ajuda de ninguém, das palavras classificadas por ordem estrictamente alfabéticas, suscitou em mim a ambição de cahir de prompto no ponto exacto em que estava a palavra que eu queria buscar. As surpresas que se deparavam eram com frequência mais forte que o desejo de encontrar uma palavra determinada; então me odividava eu por completo desta ultima e do que estava lendo, e da taberna com todas as suas infamias, e do tempo que passava, e me deixava ir, encadeando ardenteamente as palavras, de uma página a outra, de uma sciencia a outra sciencia, de uma philosophia a outra philosophia, de um acontecimento historico conhecido ao meio, a outra que me era totalmente desconhecido, de uma biographia que me deixava boquiaberto a outra que me arrancava lagrimas, interessado sempre em todas as particularidades da obra que me fôra presenteadas. Lia, altas horas da noite, enquanto meus companheiros roncavam em suas camas, à luz de uma vela, cuja claridade occultava debaixo de um guarda-chuva aberto, sobre o qual collocava, para maior segurança, minhas roupas. Encolhido, com a pequena luz fumegante junto do nariz, saltava a cada momento de um mundo a outro, até que um golpe de vento abria a porta e o Palurdo me chamava à realidade por entre bofetadas, depois de dar por bofetadas, depois de dar por terra com a minha laboriosa instalação.

PANAIT ISTRATI

(Continuação do numero anterior)

Eu me deixava ficar tranquillo. Havia perdido o medo dos sopapos. Só possuia uma preocupação: esconder a mim sobre o dicionário como nos outros tempos dormia com a cabeça nos joelhos da minha mãe. Na noite seguinte, voltava a estudar, tendo o cuidado de cerrar a jauéila com o maior cuidado possível.

Aquella alegria incomensurável produziu em mim um effeito phisico imediato: engordei! Meus músculos se fizeram duros como pedra e o sangue me saltava das faces. Comia e bebia com appétite.

+ +

Parece incrivel que um criado — ainda que ele fosse um caixeteiro omnipotente — um criado ao qual nós outros havíamos surpreendido com as mãos no alheio e do qual tinha suspeitas todo o bairro e até mesmo o patrão, pudesse aterrorizar-nos a todos nós e a um pobre velho enfermo, sem que nenhuma das suas vícimas tivesse a coragem precisa para denunciar-o. Assim era, no entanto; aos olhos dos debeitos a autoridade constituída assume um poder ilimitado. Eis como se explica a paciencia dos povos em frente à feitoria dos seus tyrannos: não é nenhuma pretensa superioridade moral o que dá força aos opressores para ter o mundo sujeito aos seus caprichos, simão a covardia dos opprimidos.

Na taberna de Kir Leonida passava-se algo de semelhante. Nosso verdadeiro patrão era o caixeteiro, um campesino brutal com as maneiras de antigo soldado que, logo que consegue qualquer posto, mata a golpes os seus irmãos, no quartel.

Kir Leonida acabava de estabelecer, por aquella época, a alguns metros de distância da taberna, uma fabrica de refrescos. No mesmo bairro também trabalhavam por conta de Kir Leonida alguns pedreiros e outros officiaes para restaurar varios edificios em ruinas. E tudo marchava pessimamente: na fabrica, as máquinas não funcionavam bem; na restauração dos imóveis, aquelles homens pouco conhecedores do officio e sen ningum que os dirigisse modificavam hoje o que haviam construído hontem. Kir Leonida e Barba Zanetto andavam desanimados entre aquellas empresas desditosas. E passaram dias e mais dias entregues a examinal-as, não frequentando a taberna.

Aquillo vinha ao encontro dos desejos do Palurdo que reinava na taberna como um pachá, roubava mais e de melhor qualidade, mantinha a amante e martyrisava aos debeitos, vingando-se, assim, dos annos de servidão e esperando o dia em que, com a bolsa bem recheada, se estabeleceria, por sua conta, com uma taberna melhor posta do que aquella em que "havia servido durante varios annos com filidez e honradez".

As coisas, porém, são como são... Às vezes, no mesmo momento em que dizemos "feito"! está perfeito. E isto era pre-

viamente o que lhe ia a ocorrer, sem que nós outros fizéssemos coisa alguma, aquele individuo que nos amargava a vida, a um ancião asthmatico e a alguns rapazes ingenuos.

O capitão conhecia o caixeteiro Demetrio desde o dia em que seu pae o levou pela mão e o apresentou a Barbara Zanetto, doze annos antes. Vio-o chegar cheio de doenças, com as roupas esfarrapadas, calçado com sandalias, de cabellos tão crespidos que, para ver-lhe a cor dos olhos, havia que alçar-lhe a cabeça, porque sempre estava com a vista fixa no solo. Foi o mesmo capitão Mavromati quem o reanimou com a sua protecção, ensinando-lhe a maneira de servir-se do garfo, defendendo-o contra outros Palurdos e ensinando-lhe a língua grega.

Deste momento para cá, aquelle "Dinu Paturica" tipo eterno do paladino universal, seguiu por instinto o caminho que o grande escriptor romono Nicolai Filimon traçou de uma maneira definitiva e immortal em o prototipo que descreveu há um seculo enlameou a mão que não podia morder até que, desfazendo-se de toda timidez, levantou a cabeça para olhar o mundo com seus olhos de vibora e se deu à tarefa de deitar por terra a todos aquelles que considerava como obstáculos em seu caminho para a fortuna.

O capitão Mavromati se converteu, para elle, de bemfeitor em "o olho do patrão"; considerou os companheiros que suspeitava pretendiam eternizar-se na taberna e aprendiam o grego com a intenção de supplantá-lo, como rivaes, aos quaes havia considerou os companheiros, que suspeitava; nenhum conseguiu permanecer mais de um anno na taberna de Kir Leonida.

Deste modo se viram obrigados, de bom grado ou à força, Barba Zanetto e, logo, seu filho, a permanecer com o único empregado que conhecia os clientes, que estava ao par do stock de bebidas e dos costumes da casa e que falava a língua grega, coisa indispensável naquelle bairro.

Ao reinado de Palurdo estava, porém, reservado um ponto final.

Depois de seis meses como empregado de Kir Leonida, graças à amabilidade do capitão e à minha applicação, eu já falava o grego muito melhor que o nosso tyranno, coisa que o punha em situação sobremodo ridícula. Fiquei, deste modo, com a sympathia de todos os clientes de importância que me falavam unicamente em grego e que exigiam ao patrão fosse eu quem os servisse. Kir Leonida acedeu, satisfeito, fazendo-me deixar o antigo logar de "lava-pratos", passando-me para o restaurante. Adeus a potassa abrasadora e as mãos cheias de calos!

Bem trajado, embora discretamente, com um avental branco como a neve, bem penteado, eu ia me sahindo bem dos meus novos mistérios.

Devia dar provas, obretrudo, de possuir as qualidades indispensáveis a um bom caixeteiro: memória, circunspectão, destreza, prudencia e rapidez. Atirei-me, com fé, à luta pela vida, e consegui desempenhar-me a contento de todos, salvo, está claro, do Palurdo, que não queria dar fé ao que viam seus olhos.

O capitão Mavromati allegrou-se com a

minha nova situação, como si o houvesse sido ao seu próprio filho: minha mãe, ao saber-o, chorou de alegria. E não param aí as coisas. E' comum ouvir-se dizer que "uma desgraça nunca vem só". Eu creio também que a boa sorte se desdobra em certas ocasiões; ai assim não ocorresse a vida ser-nos-la impossível.

Uma crueldade brutal do Palurdo deu lugar a uma nova modificação nas minhas tarefas, collocando-me em situação quasi ideal: tendo surprehendido a dois companheiros bebendo um pouco de licor, o feroz caixeleiro bateu-lhes a ponto de tirar-lhes sangue.

Aquelles infelizes fugiram para não mais voltar, logo que se viram livres das suas mãos. Enquanto se tomavam os seus substitutos e se punham estes ao corrente dos serviços tive que dar cumprimento ás obrigações que competiam aos fugitivos. Como é natural, tive a meu cargo tarefas agradáveis e desagradáveis.

Entre as primeiras coube-me a de ir ao mercado, caminhando por uma rua que me deixava olhar o Danubio que eu tanto ansiava voltar a ver, como um presidiário que suspira pela sua liberdade.

Durante seis meses de reclusão, desde outubro até abril, não havia voltado a contemplar o meu querido Danubio, sinão uma vez pelo Natal. Com que prazer eu gostava de ir, durante o inverno, dar livre curso a minha melancolia, olhando o rio, aqui e acolá petrificado pelo gelo, ou com os seus carambolas encrespados como titãs rebeldes!

Está claro que, para fazer frente a semelhante nostalgia deviam ser grandes as compensações que eu contei na amizade do capitão e em sua "bíblia" maravilhosa.

+ +

E agora, bruscamente, me encontrava livre; bem me havia custado aquela liberdade e, por isso mesmo, era bem maior a minha alegria, sentindo-a.

A primeira hora da manhã, de novo ás dez, tinha que correr ao bairro levando o menu do dia. Este serviço constituía para mim um motivo de grande alegria.

+ +

Certa vez pude conversar com o capitão Mavromati que me falou acerca da sua vida:

"Eu nasci no mar — disse-me elle — e nunca suppus que podesse viver e morrer fóra do mar.

A caravela do meu pae navegava pelo mar Egeu; nella e junto a elle tinha a sua família; compartilhavam todos do socorro e das preocupações da vida de marítimo.

Mortos meus pais, fiz-me eu o dono único da caravela, á força de agravos e injustiças que não repetei ao commettê-las, prejudicando ao meu irmão e minha irmã, ambos de menor idade. Talvez eu esteja hoje esplendo este meu acto. Por isso hoje, quando me magoam, nada faço. Poderia, em qualquer momento, fazer com que mettessem o caixeleiro no carcere, porque elle roubou e continua roubando. Não

precisamente bebidas, porém milhares de francos. Calo-me, no entanto. Que adiantaria denunciá-lo. Eu mesmo já não fiz a mesma coisa? Não rouba também o sr. Zanetto? Todo o mundo rouba, rouba todo aquello que pode.

E, que ganharia eu fazendo este favor aos meus opulentos amigos? Proseguiria sendo para Kir Leonida o mesmo Mavromati de sempre. Meus amigos e eu temos deixado verdadeiras fortunas na taberna de Zanetto.

Os amigos! A amizade! Eu não os renego, porém de quantos crimes somos capazes sem deixar de ser amigos, rendendo um culto fervoroso á amizade!

+ +

Eu era jovem. Ambicioso, portanto. Quis possuir um vapor mercante. Estava



O capitão Mavromati

farto da caravela. Nada de veleiros! Capitão de barco! Capitão do meu barco. Sintar os mares, oceano a dentro...

Um banqueiro, meu velho amigo de infância, emprestou-me a quantidade de dinheiro que me faltava, depois de vendida a caravela — e eis-me "commandante do meu próprio barco!"

Accommeteu-me então uma espécie de alucinação. Suppus-me senhor do mundo!

Orgias, dissipações, que me alucinaram e me fizeram esquecer que ainda tinha dívidas a saldar.

— Bravo Mavromati!

— Irra Mavromati!

Estava casado com uma hespanhota que tinha tanto desrezo ao barco como a minha mãe á caravela, e cheguei depois de muito custo a saber do motivo daquella indiferença: mais commodo do que viajar commigo, no barco, era trahir-me com o meu amigo banqueiro. Ali, não a preocu

cupavam as tormentas. Nada. Amigo! Esquiva-te de possuir um amigo banqueiro!

E um dia elle e eu nos arrancamos nossas magnificas barbas. Hypotekel o barco, paguei a minha dívida e recolhi minha mulher. Melhor seria que eu a houvesse deixado em companhia do banqueiro, como saldo de conta. A mulher, meu amigo, é como o sol: não te acerques demasiado della, porém, tampouco te afastes dela em demasia. Em todo caso, possuir, ao mesmo tempo, mulher e barco não é possível: infallivelmente um dos dois tem que ir a pique.

+ +

Depois do meu duplo naufrágio fiquei sem um carinho sincero. Foi então que me lembrei de Zanetto, ao qual havia feito rico. Restava-me ainda algum di-

nheiro e me propus entrar amistosamente na sociedade. Ela me fez ver que "dois sabres não cabem na mesma bainha" e me disse — "ai quizeres, podes viver ao meu lado". Fiz das tripas coração e vivi ao seu lado. A principio tinha fé no futuro, e confiai nos meus amigos. Fazímos juntos as nossas refeições e em certas ocasiões nos davamos um banquete. Os commandantes dos navios, amigos meus, me apreciavam e me prometiam "o mar Negro e o monte Athos".

Passaram os dias e os anos. Meus bons amigos, os que podiam salvar-me, foram desaparecendo um atraç dos outros. Zanetto, entretanto, ia se fazendo poderoso. Eu enfraquecia e acabei por ficar enfermo. Alguns tempos depois, quando esgotei as minhas economias, não me foi possível corresponder ás gentilezas recebidas com banquetes: e já agora estás vendo o resultado — quando, entre amigos, é sempre um o que paga as despezas o apreço se esvae e, com o apreço, a amizade. Poucos são os homens que constituem uma excepção a esta regra.

Não tardei em ver-me andrajoso e sujo. Já nada me restava do altivo Mavromati. Nem sequer meu tratamento de "capitão", que se me negou e que passou a ser objecto de mofa para a juventude alegre da taberna. O "capitão" Mavromati se converteu em lenda!

O caixeleiro, seguindo o exemplo de todos, me servia vinho azedo e induzia aos ingenuos rapazes para que me transformassem em objecto de mofa e, finalmente, que me martyrisassem.

A ninguem confiava eu as minhas queixas. Dizia, apena, commigo mesmo, por entre dentes:

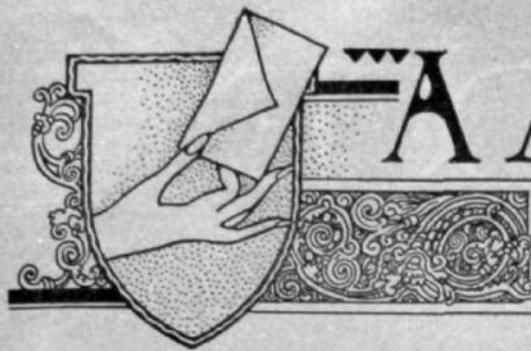
— Pobre capitão Mavromati!!

+ +

O Palurdo, com a minha nova situação, ter-me-ia comido vivo si lhe fosse possível. Não se passava um dia, siquer que elle não me applicasse tremendas bofetadas.

— Um de nós dois terá de deixar esta casa. E fica-te certo de que serás tu... — dizia-me elle.

(Conclue na pag. 40)



A ALMA ATRAVÉS DA LETRA

REVELAÇÕES DA ESCRIPTA

SIMPLES pericia de escripta como é a graphologia, propõe-se apenas ao exame de certas marcas que são peculiares à letra de cada individuo e constante em sua escripta. Desta sorte, a escripta disfarçada pôde muito bem induzir um graphologo a um erro de apreciação, principalmente no caso de um rapido exame e não de uma pericia meticulosa como às vezes é possível fazer.

Aquelle que disfarça ou altera a propria letra e péde sobre esta deformação uma analyse, é como o individuo que desejasse um retrato, e na occasião de se abrir o obturador da objectiva da machine photographica dixesse uma careta. Obteria um retrato alterado, no qual só alguns traços mais accentuados seriam reconhecíveis.

Em graphologia dá-se o mesmo, porque o disfarce da letra nunca se pôde dar de um modo completo, havendo traços que persistem apesar do esforço de quem procura disfarçar a propria letra.

Uma letra só em ser disfarçada, já revela uma tendência má no caracter do autor. Assim é que, as letras com que se compõem todas as cartas anonymas são sempre disfarçadas e não ha maior symptom de uma inferior personalidade, do que o anonymato. Os individuos capazes de escrever ou tomar em consideração cartas anonymas, são sempre de fraca personalidade.

Frei Lucas.

ESTUDOS

9 — AMOR (S. Paulo) — A sua letra indica um homem que não se preocupa de ser muito polido no trato com os outros homens. Tem tido uma vida de intensa actividade, de modo que tem uma vontade fortemente orientada no sentido das suas aspirações. Não costuma adoptar resoluções de impeto. Antes raciocina, compara vantagens e quando se resolve, então, torna-se quasi sempre obstinado em sua idéa. Os obstaculos já não lhe mattam susto porque está habituado a vencelos. Em muitos casos apresenta todas os caracteristicos de muito pertinaz e até temeroso.

Não teve tempo, ou não se preocupou nunca, com os assumptos pertinentes ao espirito. Não cuidou muito das vantagens de uma boa cultura intellectual: creio que as meditações deste gênero sempre se lhe afiguraram como "uma massada". Foi sempre um homem pratico até mesmo em questões de amor. O seu pseudonymo que poderia à primeira vista

parecer escolhido por um sentimento, engana, porque se trata de uma pessoa que considera até mesmo as questões amorosas, como simples necessidade a satisfazer. E assim como uma regalia, ou um goso que a pessoa que está em condições, pôde se permitir. E' para si e transige pouco para com terceiros. Não será capaz de adoptar nunca, o lemma dos rotarianos que é, "pensar nos outros antes de pensar em si".

10 — FLOR DE LILAZ — Um ar muito singelo, uma apparencia muito calma, os gestos lentos mas graciosos, produzem uma impressão de que a autora desta letra é uma criatura toda bondade. Todavia, Flor de Lilaz é pouco comunicativa, procura muito conter-se e a sua vontade não a ampara muito em suas ambições ou desejos. E' relativamente facil de desanimar quando deseja atingir um alvo distante. Como força de vontade é tambem em parte producto de disciplina e cultura, poderá melhorar muito ainda, sobretudo se modificar sensivelmente os hábitos actuais.

A sua bondade natural e o seu habito de se conter em presença das cousas adversas lhe ajudarão certamente muito

a vencer, com o auxilio do tempo, os obstaculos que a vontade não puder remover de prompto.

XIXI — Só a assignatura não basta para um exame graphologico.

SMITH — A mesma resposta que para XIXI.

CARMELIA. Idem.

São numerosos os casos de pessoas que nos têm remetido duas ou tres linhas escriptas de occasião e alguns exemplares da assignatura, tornando impraticavel um exame razoavel. Todas estas devem procurar obedecer melhor ás condições aqui estipuladas para o estudo da letra.

Leitores: Enviem-nos a sua escripta, conforme as condições estipuladas e faremos um estudo directo do vosso caracte.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a: Frei Lucas — Secção graphologica de PRA VOCÊ — Rua do Imperador Pedro II, 221-3.º — Recife.

CONDIÇÕES PARA AS CONSULTAS :

Para que o encarregado desta secção possa attender ás suas consultas, é necessario que as mesmas obedegam ás condições seguintes:

- Remessa de autographos diversos, se possível, escriptos em épocas diferentes, à tinta e em papel sem pauta.
- Um ou mais exemplares da Verdadeira assignatura.
- Indicação de pseudonymo para effeito de publicidade.

A correspondencia deve obedecer ao endereço que está no quadro acima e vir acompanhada deste copon:

Esmalte Universal

Especial para pinturas em madeira, ferro, metal polido e toda classe de decorações.

Fábrica-Depósito

RUA DO RANGEL, 184

FABRICADO POR

João Martins de Athayde

SOLICITO O EXAME GRAPHOLOGICO
MINHA LETRA SOBRE OS EXEMPLARES ANNEXOS

NOME: _____

PSEUDONYMO : _____

PRA VOCÊ

==== Editada pela Empreza "Diario da Manhã" S. A.



FICÇÃO E REALIDADE

(Para esta revista)

Goethe, o maior classico e o mais moderno dos poetas, depois do centenario de sua morte, não se reconheceria através da sua legião de criticos se voltasse ao mundo -- como promettem os amaveis irmãos espiritas.

Morris, Duntzer, Vieter, desde o começo do seculo até esse lamentavel D' Harcourt esmiuçaram-lhe a juventude e intentaram uma analyse de seus amôres tão calculada, feita de volupia, desencanto e cynismo -- que se nota claramente o excesso de imaginação e parcialidade deante do estudo sincero que Witkop apresenta da sua vida na documentação de seus livros. Todas as obras de Goethe são confissões.

Em seus amôres o deus intellectual da Germania ainda soffreu os incríveis commentarios, para leitura de bonde de suburbio, de Leopold Sterne -- que ainda considera o Werther o proprio destino do romancista -- quando o genio de Schiller além de descobrir o conflicto no espirito dos jovens ao passar da theoria á acção, da adolescencia á idade madura já havia reconhecido nas paginas dolorosas, inspiradas pelo suicidio de Benjamin Jerusalem, todo o problema historico da Allemanha.

As mais simples intenções de seu Wilhelm Meister (a vida que elle desejou ter tido) de Ficção e realidade (a vida que elle viveu e confessou a Eckerman) do Fausto (o pendent dramatico de Meister) -- mereceram dos Schmidt, dos Bode, dos Gundolf tantas interpretações que resalta, a olhos vistos, a deformação da ideia primitiva do texto. A historia, mesmo, tem sido mentirosa e inclemente para o filho do conselheiro João Gaspar. Napoleão, o numero um, nunca lhe disse do alto de suas esporas: Herr Goethe o sr. é um homem. A phrase foi pronunciada de outro mundo deante de Daru e Berthier. A sua morte foi calma, lucida, como a descreveram Coudray e Muller e nenhum dos presentes ouviu o celebre "licht, mehr licht".

De certo os heroes, os homens de genio se realizassem o milagre incommodo da resurreição tornariam ao silencio do tumulo na certeza de que, no mundo dos vivos, a realidade é apenas uma delgada moldura da ficção.



ANTONIO FASANARO





GRETA
GARBO



NORMA
SHEARER



ANN
HARDING



KAY
FRANCIS



LUPE
VELEZ



COLLEEN
MOORE



BILLIE
DOVE



POLA
NEGRI



CAROLE
LOMBARD



LILA
LEE

A MUDANÇA DE NOME É UM PASSAPORTE PARA A GLÓRIA

Origens humildes e appellidos vulgares dos artistas do cinema

NOS primordios do cinematographo os seres humanos não necessitavam de nomes. Não ocorre aos noruegueses por nomes em suas sardinhas quando as exportam para o vasto mundo; do mesmo modo, os artistas cinematographicos não pensaram em tal coisa no principio do cinema.

Gladys Smith apparecia já naquella época da infancia vacillante do cinema e se a identificava só com o nome da moça do Biographo, que parecia sufficiente para o momento; porém mais tarde nós a conhecemos com o nome de MARY PICKFORD.

Chegou-se a um tempo em que os fabricantes de filmes descobriram que o publico se animava de certo interesse pela personalidade dos artistas e começaram a aplicar-lhes nomes até que este costume se converteu em requisito indispensavel ao negocio.

O PRIMEIRO E O ULTIMO NOME

ANN HARDING, por exemplo, chama-se Dorothy Gatley; RICHARD DIX iniciou-se na cinematographia como Ernest Carlton Brimnes; STAN LAUREL era Arthur Stanley Jefferson antes de atingir a popularidade; CAROLE LOMBARD não era mais que Jane Petters; RAQUEL TORRES começou chamando-se Paula Osterman e MYRNA LOY era Myrna Williams quando, menina, corria pelas ruas da sua cidade natal. MAE MURRAY foi Maria Koenig; BESSIE LOVE chamou-se Juanita Horton, como se chamou Kathleen Morrison a que agora é COLLEN MOORE.

VICTOR MAC LAGLEN nasceu em Londres e, na tenra idade ainda dos quatorze annos, teve sua primeira ocupação no regimento da Guarda Real, ocupação renumerada com dois ou tres schillings diarios e um uniforme de magnificencia superlativa. Seus pais, alarmados, tiraram-no do brilhante emprego, apenas descobriram seu paradeiro. JOAN BENNETT entrou neste mundo por Pallade, Nova Jersey e seu primeiro esforço commercial foi uma comedia de fabricação caseira, intitulada — "Ignês e o Ratão"; desempenhou em pessoa ambos os papeis da comedia e ganhou, assim, um dollar, cobrado com bastante dificuldade ás pessoas da sua familia.

LILY DAMITA é uma menina parisina

que trabalhou temporariamente como bailarina infantil em um café de terceira ordem, ganhando seis dollars por semana.

ROBERT MONTGOMERY viu a luz, pela primeira vez, em Beacon, Nova York, e chegando á idade de trabalhar se empregou como secretario de um editor que lhe pagava dezenas dollars por semana. JEAN CRAWFORD, nascida em Santo Antônio, Texas, se incorporou a uma companhia de revistas com um salario de vinte dollars semanases. O verdadeiro nome de BILLIE DOVE é Lillian Bohny; o de ROLAND DREW é Walter Goss; e o de GILDA GRAY, Marianna Micholska. LILA LEE chamou-se Augusta Appel. DON ALVARADO foi José Palge. Monty Banks e, em realidade, Mario Bianchi e FANNY BRICE se chama Frances Boroch.

Muito poucos actores do cinema usam em seus nomes as duas primeiras iniciais, coisa muito commun nas outras esferas. Entre esses poucos contam-se W. C. FIELDS, H. B. WARNER e O. P. HEGGIE.

JACKIE COOPER nasceu em Los Angeles e obteve seu primeiro emprego na companhia de comedias Hoyd Hamilton com o ordenado de dez dollars por semana. NORMA SHEARER é uma moça de Montreal, que em outros tempos ganhava sete dollars diarios como "extra" de uma empreza cinematographica recem-fundada.

ROBERT AMES, que chegou ao mundo em Hartford, Connecticut, foi a principio, conferente de armazem; pagavam-lhe oito dollars cada sabbado. RICHARD SHAYER percorria em bicycleta os bairros suburbanos de Washington, recolhendo noticias para um periodico que o remunerava com quatro dollars semanais.

BEN BARD começo sua carreira com seu verdadeiro nome de Benjamin Greengrub; JOHNNY ARTHUR, com o de John Williams; WALTER BYRON, com o de Walter Buttler, e POLA NEGRI, com o de Apollonia Chaloupée.

ANTES DE HOLLYWOOD POSSUIL-OS

GEORGE BANCROFT começo a trabalhar com a idade de nove annos, com um salario de dois dollars por semana. Morreu seu pae e George resolveu affrontar realmente a vida: escondeu os livros escolares na casa de um camarada, vestiu

(Continua à pagina 24)



STAN
LAUREL



RAMON
NORAVRO



WILLIAM
HAINES

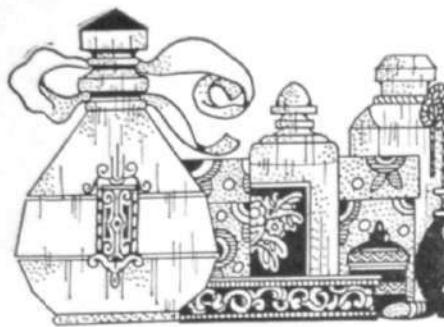


RICHARD
ARLEN

PRAIAS



Flagrantes colhidos pela reportagem photographica de "P'ra Você" nas praias de Bôa Viagem e Olinda



"PARA CONSERVAR E ADQUIRIR BELLEZA"

CULTURA PHYSICA E BELLEZA FEMININA

Para a mulher, o problema da cultura physica não se deve apresentar somente sob o ponto de vista esthetic ou como um simples correctivo de deformações do corpo.

Se, realmente, muito vale a gymnastica para corrigir um ventre cahido pela diminuição de tonicidade da parede muscular ou volumoso pelo excesso de gordura, não menos importante é a sua influencia sobre a saude tanto physica como mental.

Preparar a mulher, educando-a physicamente, é alicerçar a regeneração da raça.

Já Fouillée nos disse com sabedoria que "a mulher não está encarcerada no seu "en", ella é a humanidade visível; e a sua educação é uma obra cujo interesse se projecta além do individuo".

Na harmonia do seu desenvolvimento corporal reside, muitas vezes, o segredo da sua maternidade.

Com a educação physica todo o organismo se revigora. A musculatura abdominal pelo exercicio ganha em tonicidade, evitando-se assim o relaxamento desses músculos, o que garante a estabilidade dos órgãos internos e afasta a possibilidade das "ptoses".

Estas são facilmente evitáveis pela cultura physica que mantem o vigor muscular da parede do ventre.

Nesse particular ninguém se illuda: — todo processo artificial de contenção, como as cintas, para nada serve senão para agravar a deformação existente, diminuindo ainda mais a actividade dos músculos da parede abdominal.

Em synthese, atrophiam-se os músculos, deslocam-se as viscera e cai o ventre — eis as consequencias da falta de cultura physica.

Esa cultura, porém, há de ser rigorosamente hygienica para tornar-se util.

Infelizmente não é facil, na pratica, fazer exercícios conforme as leis de hygiene. Assim, todo exercicio deve satisfazer duas condições essenciais:

Activar a respiração (ponto de vista physico) e recrear o espirito (ponto de vista moral).

A alegria é uma necessidade para a saude physica como para a moral.

Uma creança que não brinca é ou será doente. O prazer é uma imperiosa indicação hygienica da gymnastica.

Reclamemos, pois, para os escolares brasileiros uma gymnastica capaz de corrigir pela sua finalidade hygienica os erros da nossa velha organização educacional.

Servimo-nos, para terminar das palavras autorizadas de Lagrange:

"L'enfant aurait besoin de courir en liberté, et on le fait marcher en rang; il faudrait chercher à activer sa respiration sans trop fatiguer les muscles, et on lui fait faire une gymnastique "aux appareils", qui tend à fatiguer les muscles sans augmenter l'activité du poumon; il faudrait le lasser "jour" à l'air libre, dans un grand espace, et on le fait "travailler" dans l'étroit préau d'une école ou dans l'air confiné d'un gymnase".

CORRESPONDENCIA

Mlle. Annita (Recife) — Seu caso não pode ser resolvido através de simples

informações por escripto. É melhor procurar o especialista de sua confiança para fazer-se examinar convenientemente.

Mlle. Zilda (Recife) — Se é como informa na sua carta, alias muito laconica, bastará para corrigir-lhe esse defeito frictionar pela manhã e à noite com algodão embebido em

Licor de Hoffmann 100 grs.
Ácido salicílico 2 grs.

DR. WALDEMIR MIRANDA.

(Consultorio à Praça da Independencia, edificio do arranha-céu).

Restauração da pelle pelo W. 5

E' com a maior satisfação que anunciamos ás nossas queridas leitoras o apparecimento, em nosso paiz, das drageas W-5, que na Europa estão causando verdadeiro sucesso e são consideradas mais importante descoberta da sciencia, nestes ultimos tempos. W-5 contém os "corpos de imunidade" que o sabio alegião, dr. Kapp, conseguiu seleccionar no soro subcutaneo, os quaes têm activa e energica accão sobre a vida da pelle. Com o W-5 se consegue, pois, reconstruir — por influencias internas da propria natureza, — a pelle envelhecida, murcha e cheia de pés de



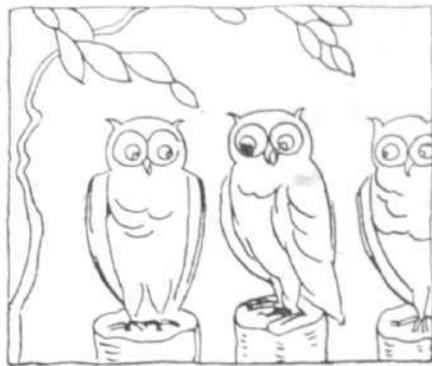
pelle lisa, clara e elastica. Reactivando a circulação nos vassourilhos, transformando-a em sanguíneos capilares e provocando o desdobramento de celululas, o W-5, renova a pelle não só do rosto, mas de todo o corpo; torna o busto firme e os seios erectos e turpidos. As photographias que ilustram esta noticia, — as quaes não sofreram nenhum retoque, — representam a senhora X., antes e depois do tratamento.

Sobre ese prodigio preparado, prestam-se todas as informações no "Consultorio W-5", à rua João Pessoa, 253 - 1.º andar — Phone 6481.

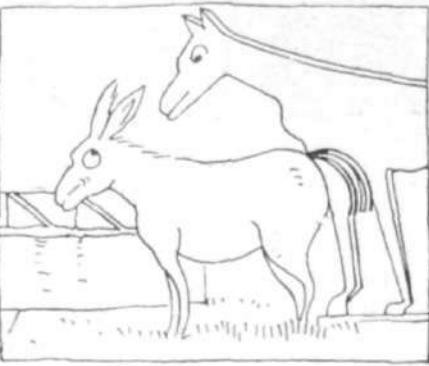
Depositario — J. Costa Rego Junior
Rua João Pessoa 253 - 1. - PHONE 6481 - Recife

ADAGIOS ILUSTRADOS

POR M. BANDEIRA



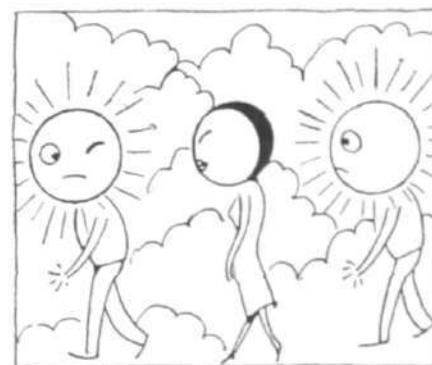
Cada coruja gaba seu toco.



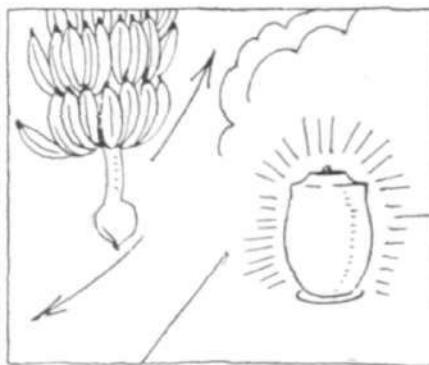
Besta grande, cavallo de pão.



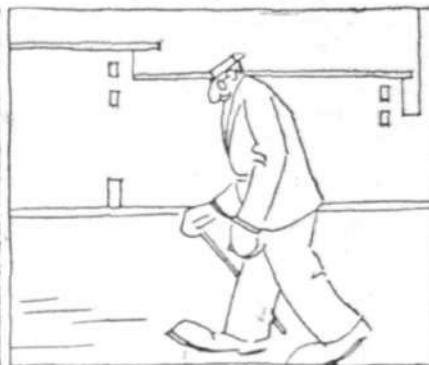
Casa de ferreiro espeto de pão.



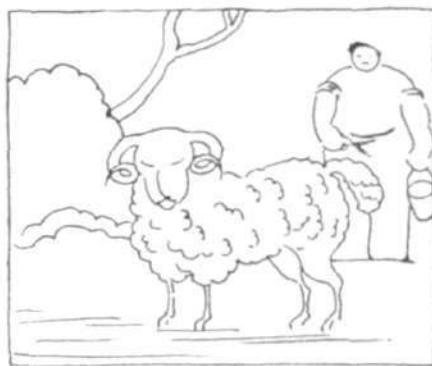
Não ha nada como um dia atraç do outro e uma noite no meio.



Nem tudo que balança cæe, nem tudo que reluz é ouro.



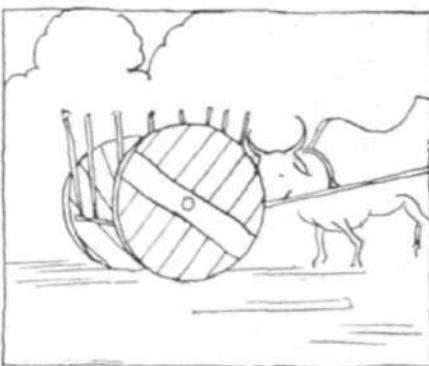
Quem quer cavallo sem falta vai a pé.



Quem tem carneiro, tem lã.



Esmola grande o pobre desconfia.



O carro adiante do boi



Lobo não come lobo.



Santo de sasa não faz milagre.



Peixe offerecido, ou está podre ou moido.

••• S O C I A E S •••

DR. RAMOS LEAL

Pez annos no dia 17 do corrente, o Ilustre dr. Alvaro Ramos Leal, conhecido e humanitario clinico nesta cidade. O dr. Ramos Leal foi alvo de significativa demonstração de sympathy dos seus collegas, amigos e admiradores.

Fazem annos hoje:

- Sr. Bernardino Ferreira da Costa.
- Sr. Eduardo Couto.
- Sr. Hermogenes Ferreira.
- Sr. Aluisio Ferreira de Souza.
- Sra. Maria Amelia Silva.
- Sra. Herundina Bandeira.
- Senhorinha Albari Madureira Pará.
- Senhorinha Ernestina Pereira.
- Senhorinha Juanita Loyola de

Assis.

- Mario, filho do sr. José Maria Pereral.
- Aldrovando, filho do sr. Ernesto Caldas.
- Maria Ruth, filha do casal Aluisio Ferreira.
- Marietta, filha do sr. José Paredes.

Amanhã:

- Professor Francisco Marques da Trindade.
- Sr. Pedro Francisco de Albuquerque.
- Sr. Aloysio Peregrino de Souza.
- Sra. Maria Annunciada Silva.
- Therezinha, filha do sr. João de Souza Canto.
- Antonio, filho do casal Gerson Luna.

Sabbado:

- Sr. Alberto Passos.
- Octavio Moraes.
- Sra. Maria Alves da Silva.
- Laerson, filho do sr. Francisco das Chagas.
- Paulo, filho do dr. Raul dos Anjos.



Senhorinha Iracy F. Ferreira, filha do Sr. Armando F. Ferreira, proprietário de conceituada empresa tipográfica nesta cidade e da sra. Elisa F. Ferreira, sua esposa.

Domingo.

- Sr. Waldemar Magalhães Porto.
- Sr. João Chagas.
- Sra. Eugenia Castro.
- Senhorinha Coralia Ribeiro.
- Senhorinha Billa do Monte.
- Senhorinha Maria Carmelita Seixas.
- Sideria, filha do sr. Luis Toscaos de Britto.
- Maria das Graças, filha do sr. Randolpho Dias.

VIAJANTES

Embarcou para o Rio, segunda-feira passada, o dr. Octavio de Freitas, director da Faculdade de Medicina. S. s. viajou a bordo do "General San Martin".

CLUBE DE TENNIS DE BOA-VIAGEM

Promovida pela Sociedade Pernambucana de Assistencia aos Lazaros e Defesa contra a Lepra realizar-se-á no dia 11 de fevereiro proximo, nos salões do Clube de Tennis de Boa-Viagem, cedidos pela sua directoria, um grande festival dansante em beneficio dos doentes do Hospital dos Lazaros. A directoria daquella sociedade, composta do desembargador Luis Salazar, dos drs. Francisco Clementino, Costa Ribeiro, Luis Faria e Antonio Leitão e das senhorinhas Suzana Oliveira e Zezita Guimarães, enviou-nos convite.



Recentemente formado pela Universidade do Rio de Janeiro, encontra-se em Campos do Jordão, Estado de São Paulo, o nosso conterraneo sr. dr. João Asfora, que se acha internado no Sanatorio São Paulo, naquella localidade, dedicando-se à sua especialidade de doenças internas-tuberculosas.



CINEMA



JEANETTE MAC DONALD

Morrer com bôa saúde...



("Charge" de Villares, especialmente para esta revista)

ADA, nada mais nos resta, minha amiguinha...
— Não, amôr! Não fales assim!
— Só nos resta uma solução a tomar...
— Pois bem: tomemol-a!
— Uma decisão fulminante, impressionante...
— Qual?
— Morrermos juntos!
— Ah, sim!... Mas não hoje... Hoje não me sinto bem de saúde...



Uma interessante e oportunidade publicação

O dr. Humberto Moura, administrador das Docas do Porto, está empenhado na divulgação de um trabalho, muito interessante e oportunidade, através do qual, dentro e fóra do paiz, serão dadas a conhecer as possibilidades do nosso Estado em qualquer dos ramos das nossas actividades.

"Docas do Porto" será, assim, graças à operosidade do seu ilustre e esforçado director, um veículo seguro de propaganda da economia pernambucana, preenchendo, ao mesmo tempo, uma finalidade ampla e patriótica.

O apoio oferecido pelo comércio a esta iniciativa pode ser calculado por esta lista de anunciantes que já emprestaram o seu valioso contingente ao notável trabalho de divulgação — redigido em três idiomas — idealizado e prestes a ser dado à publicidade pelo dr. Humberto Moura.

Barão de Suassuna (Usina Mameluco e Limoeirinho) — Siqueira Cavalcanti & Irmãos (Usina Pedroza) — A. F. da Costa Azevedo (Usina Catende) — Pessoa de Mello & Cia. (Usina Aliança) — José Rufino & Cia. — Félix Córdova & Cia. — Pernambuco Tramways and Power Limited — Rodrigo de Carvalho & Cia. — Souza Leal — Narciso Maia & Cia. — Albino Silva & Cia. — Wallace Ingham — Horácio Saldanha & Cia. — Pinto Cardoso & Cia. — Silva Santos Soutinho & Cia. — Alberto Amaral & Cia. Lda. — João Pinheiro & Cia. — P. Jurisch — Wilson Sons & Cia. Lda. — Herm Stoltz & Cia. — Magalhães & Cia. — Companhia Mineração e Metallurgia (COBRASIL) — Bostermann & Co. — Jaques Wallach — Alberto Fonseca & Cia. Lda. — Oliveira Filho & Cia. — Grandes Moinhos do Brasil S. A. — Ramiro & Irmãos — José T. de Moura & Cia. — Williams & Co. — Seixas Irmãos & Cia. — Dietiker & Cia. — José de Vasconcelos & Cia. — Silva Guimarães & Cia. — Aníbal Gouveia — Andrade Maia & Cia. — Pinto Alves & Cia. — Pereira Carnelio & Cia. — Renda Priori & Irmão — Afonso de Albuquerque & Cia. — Bernardo Kelner Sobrinho — S. A. Casa Pratt — Banco do Povo — The British Bank of South America — The National City Bank of New-York — Banco Regional de Pernambuco — Banco Auxiliar do Comércio — Cunha & Ozório — A. Bastos Leite & Cia. —

(continua à pag. 42)



FACTOS DA QUINZENA

• • • •

Flagrante apanhado a bordo do "Scout" Rio Grande do Sul, por occasião da visita do Sr. Interventor Federal á Divisão ancorada em nosso — — porto — —

A passagem da 1a: Divisão Naval que vai ao extremo Norte zelar pela neutralidade do Brasil no conflito entre o Perú e a Colômbia, pela posse da cidade de Lecticia

A SABEDORIA DE CONFUCIO

ERTO dia andava Confucio pelas margens silenciosas do rio Amarelo, spanhando aqui e ali um crisathemo, quando delle se approximaram dois campesinos, em cuja humildade sua experiência leu, desde logo, os signaes da perfidia.

— Este homem — disse o primeiro — duvida da tua sabedoria. E, como eu lhe hei afirmado que tu jamais te enganarias, venho a pedir-te, mestre, que nos acompanhes até a aldeia proxima, onde o povo aguarda tua santa palavra, para a definitiva solução de uma contenda.

Apanhando aqui e ali uma libélula, o sabio tomou, sem pressa, o caminho do povoado que lhe fôra indicado. A barba lisa e grossa cahia pelo peito amplo. E foi assim, com a calma nos gestos e a serenidade no coração, que se deteve com os dois guias à sombra de uma cerejeira, em torno da qual os homens se agrupavam. Amarradas ao tronco da arvore, duas ovelhas, que miravam a turba que as rodeava, com os olhos inocentes, eram o motivo daquela curiosidade.

Entre o silencio de todos, o homem sem fé explicou o motivo da disputa:

— Estas duas ovelhas, mestre, são mãe e filha. Eu assurei, sem embargo, que tua sabedoria venceria a dificuldade, esclarecendo essa dúvida em que nos debatemos. Quiéta, os olhos voltados para o sabio, a multidão esperava, ansiosa, a opinião do mestre. Sem dizer palavra, Confucio deu alguns passos, spanhou na terra agreste um punhado de erva humida e atirou-a ao solo, entre as duas ovelhas. Uma destas baixou a cabeça, cheirou a erva e empurrou-a, com o focinho, para a outra. Esta baixou a cabeça e começou a comer.

Silencioso e bom, o filósofo acompanhava, com os olhos, o gesto manso dos animaes.

Ao cabo de alguns minutos, estendeu o dedo e indiciou a ovelha que devorava o pasto.

— Esta é a filha — disse, E levantando o dedo:

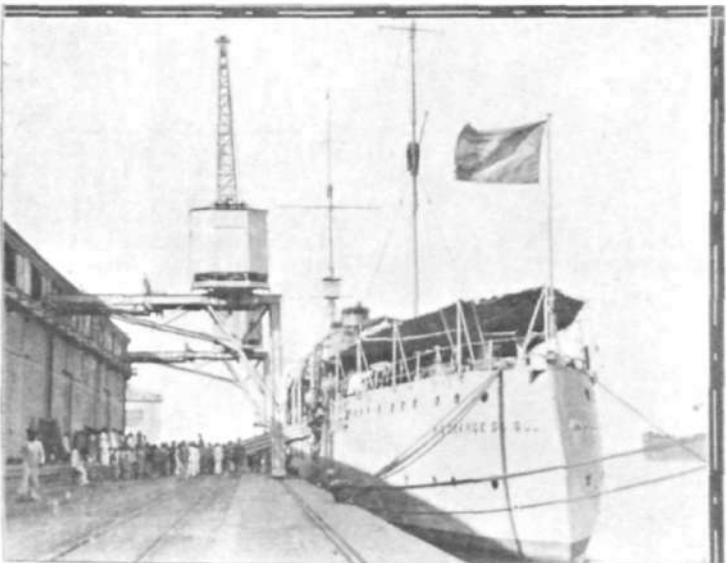
— Porque só as mães, oh chinezas, se privam do alimento para satisfazer a fome dos filhos?

E regressou à campina, para a companhia das libélulas.

Trad. de Pra você.



O 'Destroyer' Alagoas no ancoradouro interno



O 'Scout' Rio Grande do Sul, capitania da 1a. Divisão Naval, atraçado ao — — armazem 5 — —



O 'Destroyer' Matto Grosso atraçado ao armazem das Docas do — — Porto — —

AS
CREANÇAS
DO
RECIFE



*Maria Celia de Siqueira (Celita),
filha ao casal Gaston Siqueira +
Elza Carneiro de Siqueira*



*O endiabrado e gracioso José
Adolfo, filho ao casal José
Gonçalves + Lucinda Pereira
Neves*



*Nadiége + filhinha do sr. Waltriz
do Cavalcanti de Albuquerque e
de sua esposa Sra. Eldora de
Mello Albuquerque*



*Ayre e Fernando, filhos do casal
Edmundo Baptista + Maria do
Carmo Amaral Baptista*



*Mewton, de 6 meses de idade,
filhinho do dr. Oscar Cordeiro e
sua esposa Sra. Noemí Cordeiro*



*Edson Moraes B. de Mello, filho
do casal Severino Moraes B. de
Mello + Beatriz Moraes de Mello*

Factos da Quinzena

★

• A ultima festa realizada
na Escola de Engenharia.

★

Flagrante do embarque,
para o Rio, do gerente da
Metro-Goldwin Mayer, nesta
cidade, sr. Laezeds Lopes.



Quatro magníficos modelos de
impeccável corte

Camisaria Iris

Rua Joaquim Távora, 73
(Antiga 1. de Março)

(Sortimento completo de camisas, pi-
jamas, cuecas, cha-
péus e artigos para
homens.

Preços excepcio-
nares.)

PHONE 67-49



AL JOLSON



JACKIE COOPER



GEORGE BANCROFT



LIONEL BARRYMORE



JOHN BARRYMORE



VICTOR MACLAGLEN



JOHN GILBERT



WALLACE BEERY



RICARDO CORTEZ



BUSTER KEATON

(Vem da página 14)

calças compridas e convenceu ao gerente de uma casa comercial que tinha doze anos; obteve, assim, um posto no comércio. RICHARD DIX viu a luz em Saint Paul e se fez conhecido como jogador de foot-ball, porém, tão depressa reconheceu que lhe faltavam certas qualidades de um verdadeiro desportista, incorporou-se a uma turma de trabalhadores que instalavam linhas telefónicas. Ganhava nessa ocupação doze dólares por semana.

GEORGE ABBOT nasceu em Salamanca, Nova York, e aceitou o posto de superintendente do Theatro Keith, de Berton. LILIAN TASHMAN começou em Nova York; sua primeira ocupação foi a do modelo do artista, polo que lhe pagavam à razão de cinco centavos por hora.

RICHARD ARLEN nasceu em Chariottesville, Virginia, e começou a trabalhar em Saint Paul, distribuindo jornais, com um salário de 12 dólares por mês. Occasionalmente foi soldado.

WILLIAM SLAVENS Mc. NUTT veio ao mundo em Urbana, Estado de Illinois, da federação yankee, e, sendo creança ainda, se dedicou à séria tarefa de polir tubos numa fábrica de tubos de vidro para lampadas, de Alexandria, no Estado de Indiana. Actualmente escreve argumentos cinematográficos de manhã a noite.

SALLY BLANE é, actualmente, Betty Jane Young; JAMES HALL é James Brown; RICARDO CORTEZ é Jacob Krauz; GEORGE SIDNEY é Sammy Greenfield; DIXIE LEE é Wilma Wyatt; e KARL DANE é Ramses Karl Thekelson Gottlieb.

WALLACE BEERY é natural de Kansas City. Sendo moço explorou, avisadamente, as possibilidades que lhe apresentava o futuro e se decidiu pelas empresas ferroviárias. Entrou, com efeito, para uma delas, na qual sua ocupação consistia em levar água a uma quadrilha de peões. Mais tarde ascendeu ao posto de jornaleiro na Ilha de São Francisco da Califórnia. Subiramente, roubou-lhe o legar para dedicar-se de novo ao transporte de água, porém desta vez para um elefante do Circo Ringling. Seu primeiro salário foi de 5 dólares por semana.

WILLIAM HAINES nasceu em Stannet, na Virginie; fugiu de casa quando rapaz e começou a trabalhar durante a guerra em uma fábrica de munições. BUSTER KEATON, nascido em Piqua, Kansas, começou a trabalhar na terra idade de 4 anos, tomando parte em um número de vaudeville que seus pais representavam. Parte do verão, os três Keaton viviam em Muskegon, onde, Buster, já rapaz, ganhava alguns centavos como

A MUDANÇA DE NOME E' UM PASSAPORTE PARA A GLORIA

machinista de uma lancha que navegava as águas do lago local.

RENEE ADOREE tem por verdadeiro nome o de Jeanne de la Fonte; MACK SENNETT se chama Michael Sinot; MARIE PREVOST é Marie Bickford Dunn; DUNCAN RENALDO é Basil Vasilecovaus; PAUL MUNI é Muni Weisenfreund e JOAN CRAWFORD é Lucille Le Sueur.

RAMON NOVARRO nasceu em Durango, no México, e, de sociedade com um irmão, se estabeleceu com uma agência de cambio na capital do México. Pouco antes de estalar a guerra, o negócio corria pessimamente. Por isso, Ramon o liquidou e se trasladou para os Estados Unidos, onde conseguiu um posto de serviço num restaurante. CLARK GABLE escolheu para aparecer neste mundo a cidade de Cadiz, em Ohio, e sua primeira ocupação foi a de descalcar planos para um construtor que lhe pagava 50 centavos por copia. LIONEL BARRYMORE nasceu em Filadélfia e se fez ator. "Seguramente me pagavam — diz ele — porém não me recordo quanto."

MARY ASTOR ganhava 5 dólares como modelo de um pintor de cartazes de publicidade em sua terra natal, a cidade de Quincy, Illinois. RITA LA ROY fugiu de Alberta, no Canadá, para se livrar de que a internassem em um asilo de orfãos e chegou a Portland, onde entrou para o serviço de um restaurante sem mais retribuições que a comida e as gorjetas que os fregueses lhe davam. EDNA MAC OLIVER, de Boston, fez um curso de canto e, cantando ao ar livre, ganhou, durante certo tempo, 15 dólares por semana.

SUAS CIDADES NATAS

Aos 15 anos, CLIVE BROOK era ajudante do secretário de um clube de Londres. Pagavam-lhe 15 dólares por semana. STUART ERWIN, natural de Squawvalley, na Califórnia, começou a ganhar a vida com uma máquina trilhadora, com um salário de um dollar e meio por dia. GARY COOPER reconhece a cidade de Helena, em Montana, como a terra do seu nascimento e a sua primeira ocupação seria foi a de colher ôstras na praia de Kent, na Inglaterra; ganhava 4 shillings e dois pence. MAURICE CHEVALIER viu pela primeira vez



JOAN CRAWFORD



RENEE ADOREE



MARIE PREVOST



MARIE DRESSLER

as coisas deste mundo em Menilmontant, na França e quando notou que os carpinteiros pareciam gente feliz entrou, como aprendiz, numa cerraria da localidade, que lhe pagava doze francos por semana. A JACK OAKIE acorreu uma boa idéa em sua cidade natal, Sedalia, Estado de Missouri. Vendia revistas velhas, pertencentes à sua mãe, à ingenua gente que pouco entendia de revistas. CHICO MARX, nascido em Nova York, tocava piano, lutava como pugilista e receitava um monólogo — tudo isso por 5 dólares semanaes — em uma cervejaria em cujo local se encontra hoje uma gare.

O primeiro nome de BARBARA STANWYCH era Ruby Stevens; ALAN HALE tinha também outro nome, o verdadeiro: Fufus Edward Mac Kahan; ELINOIR FAIR era Eleanor Virginia Crowe; MARY NOLAN era Mary Irmogene Wilson Robertson e EVELYN BRENT era Minnie Riggs. VIRGINIA VALLI trocou seu nome anterior, Virgna Mc. Swenney; como o trocaram GEORGE K. ARTHUR, que se chamava George Brest; INA CLAIRE, que era Ignez

Fagen; HELEN KANE, antes Helen Schröder; WINNIE LIGHTER, antes Winifred Kanson; MOLLY O'DAY, antes Suzanne Dobgon Noonan, e JANET GAYNOR, antes Laura Gayner.

RICHARD WALLACE nasceu em Sacramento, na Califórnia, e pôde dizer que desde o princípio conheceu os soldos grandes, pois no seu primeiro emprego lhe pagavam 55 dólares por mês, como ajudante do empresário de uma casa funerária nas muitas e variadas causas que tem de fazer noite e dia um empresário desta classe. WILLIAM BOYD era um empregado de hotel e recebia 30 dólares por mês.

ANNITA PAGE nasceu em Flushing, Long Island, e a sua primeira tarefa aparente foi a de colorir seis photographias de uma tia sua. Para que necessitava sua tia de seis retratos coloridos? Será este sempre um dos mistérios de Flushing. Mas a verdade é que a tia os necessitou e pagou pelo trabalho um dollar sonante, de contado. MADGE EVANS, nascida em Nova York, começou a trabalhar com a idade de 18 meses, posando para um artista

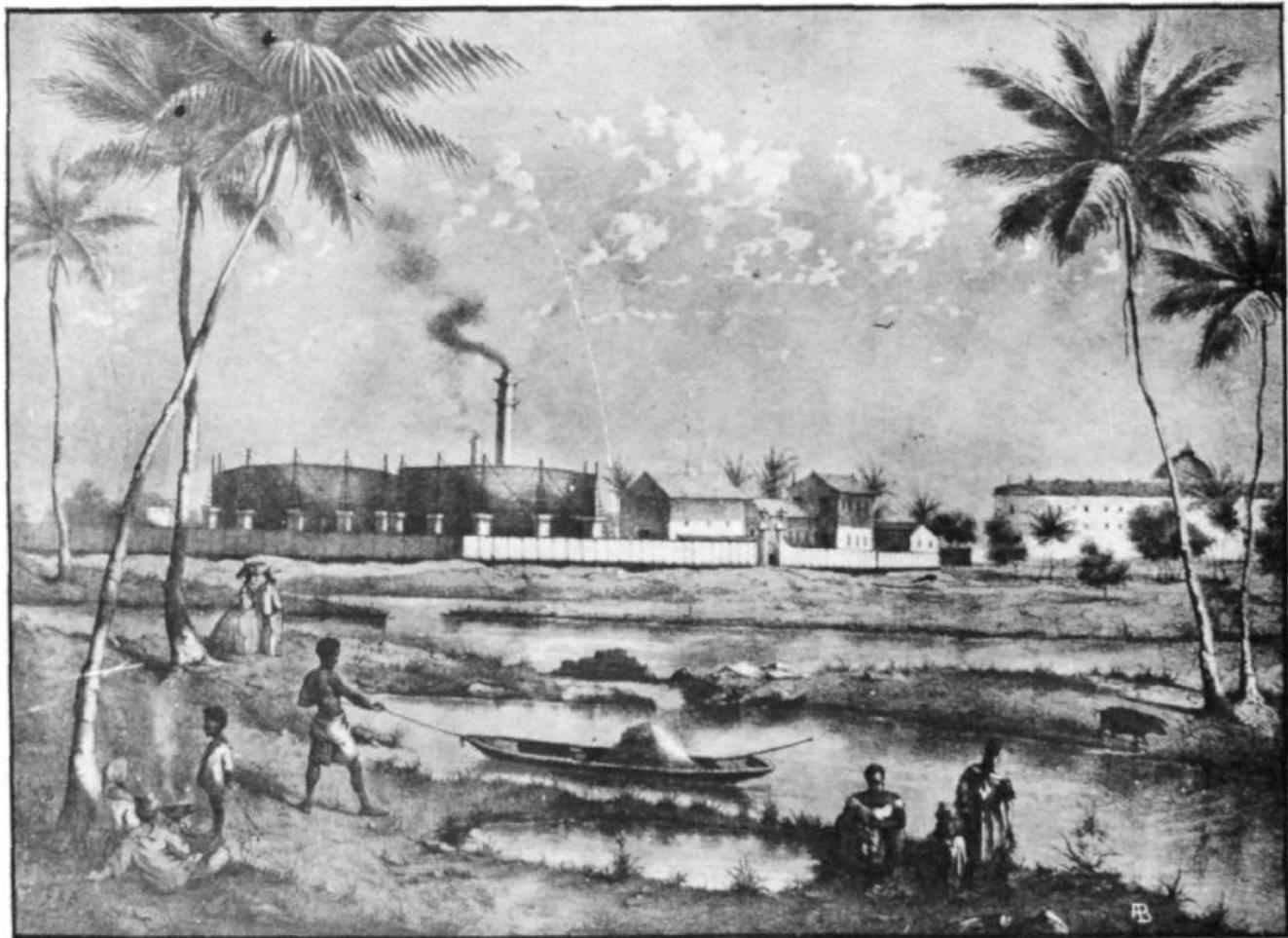
que desejava pintar um quadro intitulado "A mãe e o filho".

NEIL HAMILTON, de Lynn, em Massachusetts, esperou até a idade de 16 anos para inclinar-se no mundo dos negócios e, nessa idade, desempenhou o papel de manequim, imóvel na vitrina de uma casa de modas, com a remuneração de um dollar por dia. ADOLPHE MENJOU nasceu em Pittsburg e, antes de adquirir a distinção mundana que o caracterizava, ganhava 25 centavos pela tarefa de transportar uma máquina de escrever num trajecto de 16 metros, subindo por uma escadaria de 5 lances. Mas o dono da máquina não pareceu disposto a saldar o preço estipulado pelo trabalhador, então, o senhor Menjou resolveu anular o contrato e dirigir-se a Hollywood.

HELEN HAYES, de Washington, obteve seu primeiro emprego em uma companhia teatral que representava a obra "Parentes Pobres"; provavelmente recebeu salário, mas miss Hayes oviu esquecer ponto. CECIL DE MILLE nasceu em Astoria, (Continua à pag. 42)



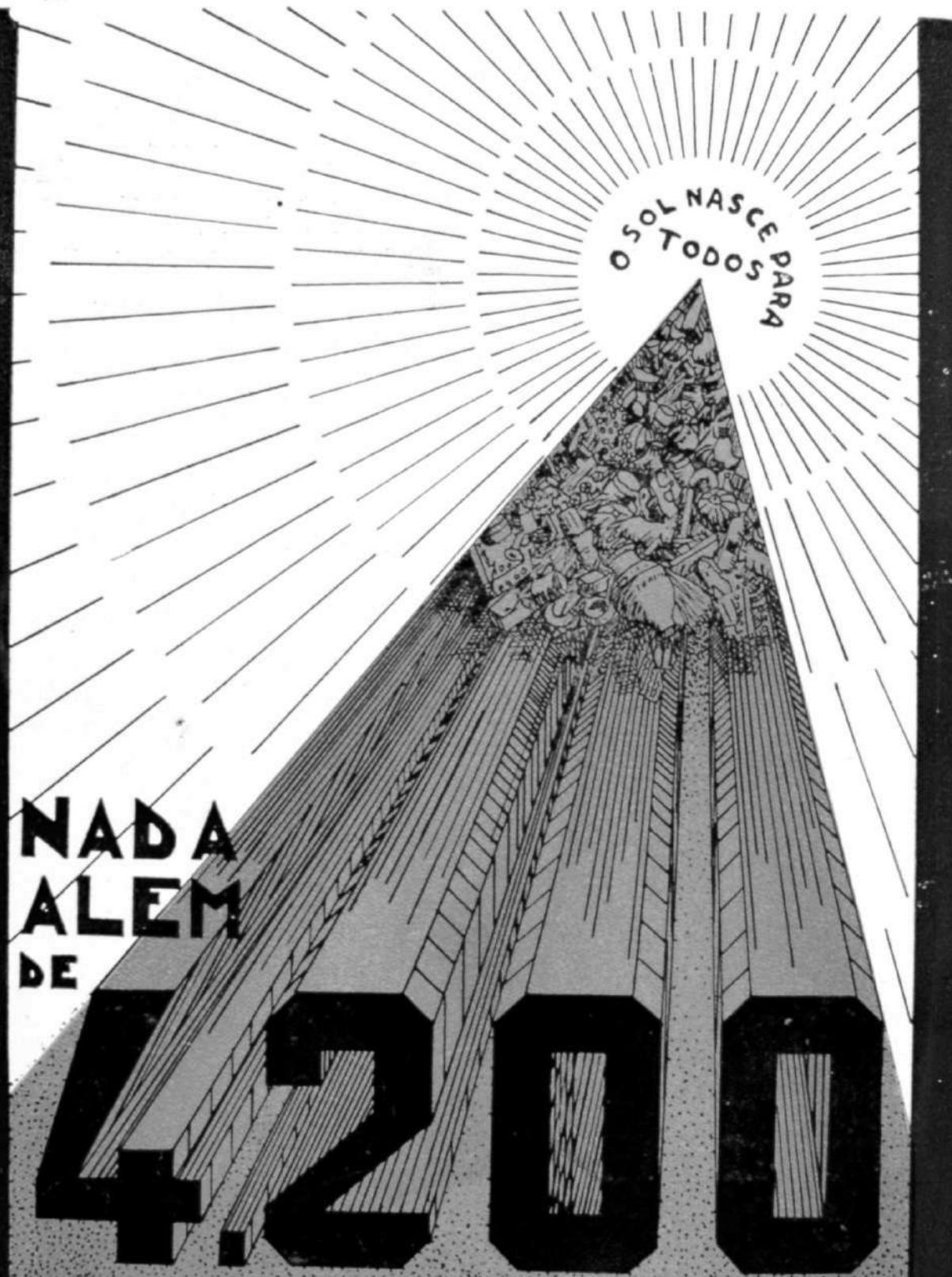
Passado



Croquis de
E. SCHLAPPITZ

O GAZOMETRO

Lithogravura de
F. B. CARTS



OSOL NASCE PARA
OS TODOS

NADA
ALEM
DE

4.200

LOJAS SUL-AMERICANAS LTD'S.

CASA GENUINAMENTE BRASILEIRA

RUA JOÃO PESSOA, 145

CONSULTORIO SENTIMENTAL

EVANGELINA (Recife)

Sobre o assunto da sua consulta, publica esta revista uma interessante "enquête" de Carlos Del Rio. Não sou extremada em tais opiniões. Por isto estou certa de que pôde haver amizade fraternal entre um homem e uma mulher. Conheço alguns casos de sincera e pura estima dessa natureza. E a história é fecunda em exemplos.

Agora, o que me parece é que o seu caso se reveste de uma sensibilidade que traz alguma causa mais que a amizade pura... A exclusividade que desejá nas suas relações com o seu "amigo", esse excesso de zelo, essa perscrutação exagerada dos seus pensamentos são características de um sentimento que já é amor ou se aproxima do amor...

Não se illuda.

* * *

DULCE (João Pessoa) — Para além desse fechado horizonte em que está comprimindo o seu afecto, há paisagens largas, claras, em que as flores e os fructos põem noivas decorativas, vivas e brilhantes. Por que essa preocupação de restringir a liberdade do ser que se ama, creando-lhe uma surda irritação que será as sementes da destruição futura? Crela que não é essa a melhor maneira de prender-se o ser amado. A paciencia, o carinho, o esquecimento das pequenas faltas, que são da propria natureza humana, são correntes infinitamente mais fortes e mais justas.

* * *

RUTH (Recife) — A sua consulta não é facil de res-

Todas as mulheres, seja qual for a classe a que pertençam e a situação em que se achem — solteiras, casadas ou viúvas — podem fazer uma consulta a esta secção de P'RA VOCÊ — uma consulta sobre as suas magias, os seus desejos, as suas aventuras e contrariedades passionaes e sobre a melhor maneira de solucionar uma crise sentimental, de sahir-se bem de uma dificuldade que as possa comprometter.

ponder. Estudemos o caso nos seus detalhes.

Você diz que entre os dois amigos, embora promettida a um delles, o seu coração balança... Sente affeção pelos dois, mas uma affeção tipicamente amorosa.

Quer fugir desse "impasse" que a sua moral repelle. Sente-se envergonhada, humilhada, desesperada.

O seu caso não será o primeiro... Mas, para uma tão evidente psychose, só os remedios heroicos e decisivos. Terá a coragem bastante para empregal-os?

Diz você que sim, que está disposta a aceitar os meus conselhos e seguir os sem discutir. Pois bem, se assim é, pratique o acto heroico de afastar-se dos dois, procurando uma terceira affeção. Ha de custar-lhe, bem sei. Nos primeiros tempos, sentirá immenso, sofrerá immenso... Não me diz que pode fazer uma viagem afastando-se, pelo menos, seis meses de Pernambuco? Empenhada essa viagem. Entregue-se a um labor intenso. Faça os estudos a que se refere, lendo e annotando. Cultive ainda mais os seus sentimentos religiosos. E seja tenaz, sobretudo tenaz...

* * *

MARIETTA (Recife) — Ora, Marietta... É possível que uma mulher se engane sobre a natureza de tal sentimento? Você diz que o quer e admira, apenas pelo fulgor da intelligencia que elle possue... Mas esse "apenas" é tudo. E através da sua intelligencia, você já está no seu coração...

* * *

PERDITA (Recife) — A sua consulta não se enquadra nos moldes desta secção.

É caso de pura perversão, que requer um especialista. Recorra aos serviços do dr. Ulysses Pernambucano.

A MULHER PSYCHOLOGA

As consultas devem obedecer ao endereço abaixo:
— A' Mulher Psychologa — Consultorio Sentimental
— Red. de P'RA VOCÊ — Recife.

A LUMINOSA

(CONFEITARIA)

Casa especialista em Pães, Bolos, Biscoitos, Chocolates, Bombons, Doces, Queijos, Chá, Café, Leite, Condensado, Manteiga, Açucar, Massas, Conservas, Vinagre, Azeite, Velas, etc. etc.

CIGARROS E CHARUTOS

Praça Joaquim Nabuco, 63
Recife - Pernambuco

PHONE 6632

Carlos Brandão

Empreza de Construções
e Architectura

ELPIDIO SILVA
CONSTRUCTOR CIVIL

Vendemos terrenos a prestações no Bairro da Torre (Rua José Bonifácio) e construimos casas de varios preços mediante o pagamento de 5% a vista e o restante em modicas prestações mensaes iguaes ao aluguel. Construimos tambem em terrenos dos pretendentes em idênticas condições

Rua 1. de Março 84 - 2., andar
RECIFE - PERNAMBUCO

A Moda e



NOVIDADES SOBRE CHAPÉUS

Difficilmente pôde localizar-se, nesta temporada, qual será o chapéu que se há de preferir, pois, é tão extraordinária a variedade dos mesmos e tão particular o seu encanto, que se torna difícil selecionar, já que todos preenchem as nossas aspirações.

Assim, veremos modelos de abas flexíveis, suscetíveis de colocar-se em posições distintas, mais ou menos inclinados para os lados ou caídos sobre a nuca, segundo a vontade de quem os use, alternando com os outros, semelhantes às boinas dos estudantes ou aos gorros dos homens e cuja originalidade consiste em sua collocação.

Entre os chapéus práticos, grandes ou pequenos, pôde contar-se os da cambraia de linho ou de fio, pespontados.

Temos visto modelos de crepe georgette azul ou escuro, cujas abas e parte superior da copa são pespontados no mesmo tom, enquanto que os outros eram de palha picot verde, a copa e as abas de

palha de bajadera, em varias tonalidades de verde, vermelho e branco.

Enormes chapéus em palha Italia guarnecidos com fitas representam outro dos motivos decorativos que triumpham conjuntamente com os tricornios ou chapéus "columbine" confeccionados em palha picot vermelha.

A aba vai bem levantada do lado esquerdo, cahindo muito do outro.



Vestido em "chiffon" branco, alegremente estampado com flores vermelhas e azuis. Luvas azul-marinho — chapéu de

verão, coberto com o mesmo tecido estampado na copa. A fita em azul-marinho, seguindo os tons geraes.



Suas Tendencias



Vestido para a noite em renda marron. A renda está collocada em elma de um corpo de crepon rosa.

Criação BLANCHE LEBOUVIER



O TRAJE INFANTIL DE VERAO

Este anno os vestidos de creanças trazem estampados ou applicados motivos mais bonitos que nos ultimos annos. Ha tulipas sobre fundo branco ou em tom de areia, luas brancas com um circulo negro e rosa, cravinas tambem sobre fundo claro ou rosas sobre um fundo quadruplicado.

Ainda que muito simples, como todo tecido que deve ser lavavel, esses vestidos são muito adornados este verão. Volam ou cortados com pregas, com franzidos ou cortados em forma, são dispostos em goias sobre os ombros (vide modelo à esquerda), até mesmo para as meninas de tenra idade, à roda do traje.

Os cinturões flexíveis, feitos de uma tira de couro ou do mesmo tecido em tom mais vivo, mas seguro por duas tiras identicas que sobem até os ombros e prendem na frente, prescindindo da classica finella.

Os pontos em linha de algodão, que recordam um ou varios tons do estampado, constituem uma guarnição de tão facil e rapida execucao, como atrahente para a vista. Para bordar uma manga ou um decote tres fleiras de festão podem ser realizadas no mesmo ponto e reajustados alguns centimetros mais adeante. A roda do vestido pode terminar num ponto de phantasia feito com um fino "crochet". Este mesmo ponto servirá para outra parte do vestido, com o fim de reunir entre si as suas diferentes secções.

Quanto á forma do modelo, ella será escolhida de acordo com a idade da creança. O vestido de "canesú", no qual se mantem o voo inteiro da fraldasinha, convém até os oito annos. O trajesinho reto, a começar desde os ombros e provido de um cinturão para marcar o talhe, é proprio para os tres annos.

Eis ahi tres modelos dos mais interessantes, dentro dessa orientação geral: o primeiro em tecido branco com bordadinho de cós; o segundo em branco e vermelho e o ultimo em tecido raiado, com o collo e mangas brancos.

OS PROFESSORES DE CORTE LUC

A pedido das 104
alumnas de Recife

e a fim de dar tempo ás numerosas interessadas do interior que manifestaram desejo de inscrever-se para o ultimo curso, ensinado pessoalmente nista, e pelo preço economico de **200\$000 rs.** com direito a diploma de Professora Nacional de Corte, curso de aperfeiçoamento para ensinar, e sem mais gasto que 2 folhas de papel de 100 Rs. por lição, de 2 vestidos para exame (que podem ser feitos em chita, segundo a possibilidade de cada uma); fazem saber que ficará aberto o registo para receber novas alumnas até quarta feira 25 deste mês ás 18 horas, no

Hotel do Parque
(Rua do Hospicio)

*Formatura das
alumnas mestras de 1933,
na Escola Normal Official*



Maria de Lourdes Lyra



Dalva de Andrade Botelho



Iracema Ferreira Pires



Ligia Lins e Mello



Dulce Gomes de Sá



Olivia Pessoa de Araujo



Iraci Resurreição de Oliveira



Hilda Castro Souza



Nancy Silva



Roza de Figueiredo Ramos



Maria Celeste Soares



Maria Annunciada Lemos



Alcidia Cabral de Albuquerque

• • • • •

*Album da turma paronymphada
pelo illustre professor da Escola
dr. Fernando Simões Barbosa*



Odette Lins Freire



Maria Borges de Albuquerque



Margarida Vieira da Cunha



Iracema Carneiro da Cunha



Maria Helena Gondim Torres



Zaura Chacon Gomes



Laureci Resurreição de Oliveira



Maria de L. Amorim Campos



Maria de L. da Costa Barros

CASA MOZART

JANEIRO

O maior sortimento de brinquedos pelos menores preços.

TELEPHONE 6059

PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA, 41

O melhor presunto...
O povo pernambucano precisa experimentar o
delicioso **PRÉSUNTO**

e os demais artigos de salsicharia da
Companhia Agrícola e Pastoril do S. Francisco S.A.
Façam uma visita hoje mesmo ao depósito:
Sorveteria BOA - VISTA
Praça Maciel Pinheiro, 438

Luxo! Arte! Alegria!



(A maior e
mais chic
casa de di-
versões
::::: do :::::
Nordeste)

BILHARES

**JOGOS ELEGANTES
CABARET
BARBEARIA**

As Duas Páginas Dos Nossos Pequenos Leitores

ESTOU quasi certa, pequenos leitores, de que vós todos conheceis o lindo conto de Maria Borracheira, a orphásinha, que tanto sofreu da sua madrasta e de seus caprichosos filhos. Sabéis, pois, de que modo obteve Cinderella as rígidas prendas com que se apresentara à Corte durante três noites seguidas e como, a ultima hora, perdeu o sapatinho graças ao qual o príncipe pôde achá-la e fazê-la a sua amada esposa. Mas talvez ignoreis o que sucedeu depois. E esse "depois" é outro conto... um conto que revela o segredo que possuis aquelle sapatinho prateado...

▲▲▲ A MASCOTE

Celebradas as bodas, cuja magnificência tanto deu que falar, a bondosa fada, madrinha de Cinderella, chmou o príncipe de parte para recomendar-lhe que tivesse especial cuidado com o sapatinho, pois se elle se perdesse ou se estragasse acabaria para sempre a felicidade dos dois esposos. Temeroso de que tal coisa sucedesse, o príncipe fez-o collocar sobre uma bandeja de ouro dentro de uma vitrina de glosios crystaes, mettendo esta, por sua vez, dentro de um cofre, artisticamente lavorado.

Passaram-se quatro annos de completa harmonia e felicidade. Pelos vastos salões e jardins do palacio já corria uma linda creanç, orgulho de seus pais e do seu povo...

Mas, de subito tudo isso mudou.

▲▲▲ A VINGANÇA

Só à madrasta de Cinderella e ás suas filhas causava inveja tanto bem estar. Sabedoras do secreto poder do sapatinho, tramaram um plano para furtá-lo e assim executar uma vingança longamente desejada, não obstante a maneira generosa por que as tratara a príncezinha. Mas é que a inveja e a avareza nunca se contoram.

CONCLUSÃO DA HISTÓRIA DA "GATA BORRALHEIRA"

Por OLGA DE ADELER



Aproveitando a oportunidade e a ausência do príncipe, quando este realizava uma longa viagem de inspeção pelo reino, lograram apossar-se da chave do cofre e atirar o

sapatinho pela janelha para o jardim, onde um duende o apanhou, levando-o, em seguida, através do bosque, para o fundo do lago das Mil Esmeraldas.

Ainda bem o sapatinho não desaparecera do jardim e já a rainha notava a falta do seu filhinho, com quem jogara silegentemente minutos antes. Cheia de anciadela, correu ao quarto onde devia estar a sua "mascotte" e logo à porta encontrou profundamente adormecido o oficial da guarda. A chave do cofre estava na fechadura. Compreendeu então o que ocorreu. O sapatinho fôra roubado... E com ele a felicidade de todos os seus!

Imagina a afflition da pobre Cinderella! Entretanto, sendo muito inteligente, não perdeu o raciocínio. Faria o possível para encontrar, ella só, o pequeno príncipe, antes da volta do rei. Restava-lhe, felizmente, mais de uma semana para o seu regresso.

E, se não o achasse, se deixaria devorar pelas feras da montanha, pois não teria coragem para voltar ao palacio.

Procurou-o primeiramente pelos mais apartados aposentos do palacio, chamando o príncepinho em altas vozes. Mais só o eco lhe respondia...

▲▲▲ O SOCORRO DAS FLORES

Desceu depois ao jardim com o propósito de revistar-lhe todos os recantos, caramanchões e arvores. Notou que as trepadeiras que subiam pelos muros se agitavam com desusada violencia e suas campanulas azuis murmuravam:

— Sobre nós roçou o sapatinho magico quando foi atirado ao jardim.

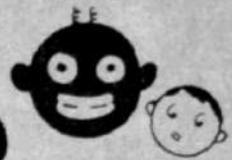
O doendisinho, que o apanhou, tomou o caminho do bosque. Mas não desesperais, príncezinha! Ajudar-te-emos a achá-lo...

— Leva-me! — implorou-lhe uma das flores. — O soar da minha campanula te anunciará todo perigo...

E enquanto Cinderella cor-

(Conclue na pag. 36)

AS AVENTURAS DE NEQUINHO E LAPITO



HISTÓRIA DE MARIDO E MULHER, por M. BANDEIRA





NAS TREVAS DO CAMINHO

Por G. R. MALLOCH

VAUDREN deteve o auto na vasta explanada que servia para os carros de todos os apartamentos. Abriu a portinhola e ofereceu a mão à dama que estava ao seu lado. A esposa de Vaudren saiu também, mas pela outra porta. Nenhum dos três pronunciaram palavra.

Fm geral anunciam a sua chegada com risos e gritos, batendo às portas. Os vizinhos dos apartamentos próximos sabiam assim que Vaudren voltara do seu passeio. Mas nessa noite permaneciam em silêncio e se moviam furtivamente, como sombras.

Penetraram no "hall", todo iluminado. Os seis rostos pallidos revelavam fadiga. O ascensorista não estava na sua jaula dourada. Instintivamente, Gloria Wilson estendeu a mão para a campainha. Vaudren deteve-a.

— Não incomodemos a Johnson — recomendou. — Deve estar dormindo.

Subiu pela escadaria, luxuosamente atapetada e as duas mulheres o seguiram, sem abrir a bôcca. Chegaram ao segundo andar. E quando se detiveram em frente ao apartamento B, pareciam exgotados.

Vaudren, um tanto nervoso, demorou-se em abrir a porta. Entraram, enfim, com um suspiro de alívio.

— Graças a Deus, estamos de volta! — murmurou a senhora Vaudren.

O seu marido sorriu, com um ar zombeteiro.

— Que necessidade tens de recorrer ao nome de Deus, em tal momento? — perguntou.

As mulheres, sem responder, desapareceram pela porta da sala. Ele pendurou no cabide o chapéu e a bengala e foi ao "toilette", onde refrescou avidamente o rosto com água perfumada. Voltou à sala, acendeu as luzes e a chaminé eléctrica. Coreu as cortinas da janela e sentou-se numa cadeira. Sentia frio.

O seu apartamento era significativo. A muitas vezes admirara o talento da sua mulher em combinar o senso artístico com o conforto. Desgraçadamente, a criada, que ia embora depois de jantar, deixava tudo em desordem. Mas essa ausência tinha as suas vantagens. Ninguém controlava a hora do seu regresso, salvo quando Johnson ficava ainda no "hall" e os fazia subir pelo elevador. Tomou um diário que estava sobre a mesa e começou a ler.

Gloria Wilson entrou na sala. Vaudren olhou-a mais detidamente que em outras ocasiões e lhe ofereceu uma cadeira. Nunca o interessara aquella mulher morena, de olhos apaixonados, ainda que fosse bella, à sua maneira. Mas, sem dúvida, ela saía perdendo numa comparação com Isabel Vaudren, esbelta e loura, que fôra outrora sua companheira de colégio.

— Sente-se junto à chaminé — disse-lhe Vaudren.

— Obrigada — respondeu Gloria, com voz estranha.

Ele não sabia o que dizer para manter a conversação.

— A situação na India e no Egypto parece insustentável... — começou.

— E' muito natural...

Gloria Wilson fez uma pausa e olhou-o de um modo penetrante.

— Vaudren!

— Que ha?

— Eu não devia ter dito aquella palavra...

— Qual?

— A palavra: — siga!

Ele abandonou o jornal sobre os joelhos e disse, perturbado:

— Por que? Não havia razão alguma para deter-se.

— Bem sabe você que si...

— Oh! que diabo! — replicou elle, aborrecido, perdendo toda a cerimônia. — Não sabemos exactamente o que houve. Foi provavelmente, um mao jogo da nossa imaginação...

Todo o caminho estava em trevas...

— Foi uma infelicidade você não ter ascendido os phares.

— Prefiro guiar sem elles. Só servem para encadear os outros.

— Sim... Mas devíamos tel-o visto.

— A quem? Pareceu-me que o carro experimentava um impecilho. Mas isto sucede com frequencia. A estrada está cheia de altos e baixos.

— Sei-o. Mas você freiou bruscamente e me disse: — Que foi isto?

— Crê que Isabel me tivesse ouvido?

— Não. Disse-me que estava dormindo e nada percebeu. Mas eu vi alguma coisa depois do solavanco que recebemos quando puz a cabeça à portinhola...

— Que foi?

— Alguma coisa escura... semelhante a uma mancha na estrada.

— A mim também me pareceu ver uma sombra passar, como um relâmpago. Cheguei, porém, à conclusão de que se tratava apenas de um reflexo e segui.

— Porque eu lhe disse aquella palavra...

— Illusões!

Mas Vaudren sabia muito bem que Gloria estava dizendo a verdade pura. Aquelle instante surgiu como fotografado em sua memória com surpreendente nitidez, apesar da confusa impressão que elle lhe deixara. A sacudidella, a sensação de ter pisado alguma coisa com a roda deanteira da esquerda, o horror e a vacilação vividos em poucos segundos, com toda sorte de impulsos contraditórios tumultuando no seu espírito a impossibilidade de ter atropelado a um transeunte sem vel-o e, entre-

tanto, a sensação de tel-o feito; a freida instinctiva, a sua rápida pergunta, a imagem lugubre do carcere, toda aquela barafunda dominada por uma tranquilla voz que lhe murmurava ao ouvido: — Siga!

Obedecera aquella ordem, automaticamente, sem raciocinar. E o automovel, lançado como uma bala, devorou a estrada a noventa kilometros por hora. Vaudren sentia-se fatigado, e, poucas milhas adeante, Gloria se offerecia para substituir-o no volante, numa velocidade menor rapida.

Ele aceitara o offerecimento e prosseguia a viagem cabecendo semi-adormecido, repetindo intimamente, para si mesmo, que tudo aquillo fôra um producto da sua phantasia e que apenas tropicara num pão ou numa pedra! E eis que ocorre o segundo accidente...

Despertara, num sobresalto; porque percebera, emfim, que Gloria estava guiando por uma estrada que lhe era desconhecida. Como cruzassem, porém, a frente de uma casinha onde se via uma luz vermelha, o logar não era o mais proprio, no momento, para entrar em discussão ou explicações. Segundos depois, inesperadamente, se chocaram com o pililar de granito que flanqueava o caminho. Gloria riu histericamente, com riso sonoro, que despertou a mulher de Vaudren. E um motociclista da polícia appareceu-lhe de improviso e começou a tomar notás em seu carnet. Como o accidente fosse insignificante, não tardaram em proseguir no seu caminho.

Agora, comodamente sentado naquella habitação confortavel e cheia de luzes, segura e familiar, recordava o sucedido como, um terrivel pesadelo...

— E' curioso que tivesse cochilado ao cruzar o pateo daquella casinhoda — observou Vaudren.

— Eu não cochilei...

Olhou-a, surprehendido.

— Nesse caso, como explica que não haja visto a luz vermelha? Você guia muito bem...

— Mas... não percebeu que o fiz de propósito?

— Receio não comprehender. Qual poderia ser a sua intenção em causar-me uma avaria num carro novo?

Gloria sorriu com negligente superiordade.

— Sim... O seu automovel está novinho em folha... Sinto bastante. Mas... não comprehende que isso lhe pôde servir de justificativa?

— De justificativa? — repetiu ele, com assombro.

— Sim. No caso que tivessem ficado signaes no para-lama... E como Vaudren continuasse a não comprehender expliou:

— E' indispensavel que eu lhe explique?... Pois bem... Não é difficult que ali houvessem manchas de sangue... Imagine que estivesse algum no loca... quando sucedeu... aquillo... já que nunca se sabe o que occultam as moitas... E que se descobrisse a pista do seu automovel... Vi que você estava meio adormecido, vi o poste de granito, perto do qual estava parado um inspector de veiculos e resolvi espatifar o pára-lama da esquerda para fazer desaparecer todo o rastro possivel...

Vaudren não respondeu. Se alguém tivesse visto o que sucedera... Aquellas palavras lhe queimavam o cerebro... Via

o matto que circulava o caminho cheio de olhos perscrutadores, vagabundos... Por que não se detivera, descendo do automovel, como fôra o seu primeiro impulso? Por que obedecera, naquelle instante de confusão, à imperiosa voz de Gloria Wilson que lhe sussurrava: — "Siga!" — Não o sabia. Aquella conducta era tão indigna do seu caracter... Atropellara a um homem no caminho e logo fugira, como um poltrão! Si se chegasse a conhecer o episodio, teria a sua reputação manchada para sempre. Não haveria excusa nem explicação possíveis...

Mas, talvez, aquillo tudo não passasse de uma fabula sem sentido, nascida da imaginação de uma histerica. Ignorava se atropellara alguem, na realidade. Voltava cançado de um longo passeio, o caminho estava muito escuro por causa da sombra das arvores que o margeavam e os buracos eram numerosos. De repente, a pancada! Mas nesse caso... por que não ouvira nenhum grito? A possivel resposta a esta pergunta deu-lhe calafrios. Ah! Aquella mulher importuna, que lhe falaava em sangue...

— Se você imagina que soffri uma allucinação, está enganado — declarou Gloria, adivinhando o seu olhar. Nunca estive mais senhora de meus nervos e do meu cerebro. E se ri ao produzir-se o choque, foi precisamente para despertar Isabel... para que ella tambem não se tivesse apercebido do que ocorreu, antes...

Vaudren sentiu-se dolorosamente ferido. Se sua mulher chegasse a saber lo facto, cahiria para sempre do pedestal em que ella o adorava como varão e cavalheiro exemplar. Presentiu a surpresa e em seguida o desdem — a nuvem, emfim, que perturbaria a paz do seu matrimonio. Poderia supportar o desprezo do mundo, mas não o de Isabel, a quem tanto amava...

E, sem embargo, talvez nada tivesse acontecido. Neste caso... por que regressara tão silenciosamente, com as precauções furtivas de um malfeitor? Por que se sentira tão satisfeita de não ter encontrado ninguem, de que não soubessem da hora do seu regresso?

Olhou Gloria Wilson com odio. Se não fosse aquella mulher, teria freiado o carro para fazer face á situação, como um homem... E se nada de tragico tivesse ocorrido... porque o suggestionava ella daquelle modo, imaginando mil horrores, enchendo-lhe a alma de phantasmias?

Mas uma voz interior lhe sussurrava:

— Em todo o caso, Gloria te arranjou um desfeiteamento perfeito...

Entrou Isabel. Vaudren, nunca admirara tanto a sua beleza serena do que naquelle instante, quando a sua imaginação lhe sugerira o perigo de perfel-a. Viu, porém, com alivio, que Isabel sorria e sentava-se ao seu lado.

— Lamento tel-o deixado sosinhos. Mas a minha roupa estava tão cheia de pó que tive necessidade de mudar-a.

— Estás encantadora como sempre, Isabel — disse Gloria. — Quanto a mim, não ha vestido que sirva... Dê-me um cigarro, Vaudren.

— Que vaes fazer com o auto? — perguntou Isabel ao seu marido, enquanto este accendia um cigarro tureo para Gloria. — Elle ficará toda a noite na explanada?

— Ah! Tens razão! Esquecer-me do carro... — exclamou Vaudren.

Consultou o relogio.

— São dez horas, apenas. João ainda deve estar levantado. Vou avisar-o para recolher o carro.

Falou pelo telephone, no "hall", para o seu "chauffeur". Voltou á sala. Beberam um "cocktail". Vaudren sentiu-se resnimado e pressa de uma leve excitação.

— Vamos dansar! — propoz, colocando um disco na victrola.

— Eu estou cansada — disse-lhe Isabel. — Dansa tu, Gloria.

A amiga poz-se de pé. Enquanto dansavam, Vaudren teve a sensação de que em suas relações existia uma intimidade que até aquelle momento não percebera. Talvez, porque estava compartindo um segredo com uma mulher estranha... uma mulher que não era a sua...

Continuaram dansando, até que Gloria se declarou fatigada. Foi nessa occasião que se ouviu soar a capainha.

— Quem poderá ser, a estas horas da noite? — murmurou Vaudren.

— Eu irei ver — disse Isabel.

Elle e Gloria trocaram um olhar significativo. Era o "chauffeur".

— Vim aborrecer-o, sr. Vaudren, para dizer-lhe que eu mesmo poderei concertar o pára-lama, sem precisar de recorrer a officina. Basta que o senhor me deixe o carro amanhã. Dar-lhe-ei tambem uma inão de pintura.

— Muito bem, João. Disponha amanhã do carro.

— Obrigado. Olhe, encontrei isto sobre o estribo, junto á caixa de accessórios. Pensei que fosse de alguma das senhoras. Boa noite.

João retirou-se e Vaudren poz-se a mirar o objecto que elle achara. Era um botão de cobre.

As duas mulheres examinaram-no.

— Não é meu — afirmou Isabel.

— Nem meu — acrescentou Gloria.

— E' claro... — replicou Vaudren, lentamente. — Pertence a um agente de policia. E' um botão de uniforme... Um achado curioso... tratando-se do estribo de um automovel... Teria saltado do caminho, como uma pedra, alojando-se no carro...

— E' bem possivel — assentiu, placidamente, a esposa.

Gloria mantinha-se em silencio.

• • • • •

Vaudren bebeu tres "cocktails" antes de ir deitar-se.

Pela manhã seguinte, quando entrou na sala de jantar, besitou antes de ler os matutinos.

Tinha a cabeça pesada e só melhorou tomando uma chicara de café.

Finalmente, abriu o primeiro jornal. Com immenso allivio não viu nenhum titulo sensacional sobre o assumpto. Mas como pretender que a imprensa se occupasse assim da sua pessoa? As revoltas da India partilhavam a primeira página com a notica de uma nova travessia do Atlantico e uma crise do gabinete ministerial. Volveu a pagina... O divorcio de um aristocrata, um concurso de banhistas em Miami, um lynchamento nos Estados Unidos... e a secção — "Accidentes automobilisticos". Leu varias noticas que não lhe interessavam e, afinal, esta reportagem:

(Continu'a á pagina 38)

tava a flor, ouia lhe suppliava:

— Leva-me tambem a mim! Chamo-me "olho de boi" porque vejo tudo. Posso ser te util.

A princesa agradeceu a generosa offerta.

— E me deixas a mim? — pergunta um jasmim. A' branca da minha estrela illuminará os caminhos mais negros...

— Eu desejo tanto acompanhar-te! — exclamou um lindo não-me-esqueças.

— Meus olhos celestias têm o dom de olhar através das aguas. Talvez eu tenha grande importancia...

— Se a mim me levares — murmurou timidamente uma violeta, que poz a cabecinha fóra das folhas — pois cresço á raiz da terra, ouvirei tudo quanto se move á sua superficie e debaixo dela e assim sendo perceberei tudo quanto se passar, evitando-te as ameaças do perigo...

Profundamente commovida ante tanta bondade, a princesa juntou num precioso ramilhete todas essas flores e, resolvida a não demorar-se mais, encaminhou-se para a saída do jardim.

Mas, ao passar junto a um roseiral, a unica rosa que ali então florescia chamou com tal ternura por seu nome, que a obrigou novamente a parar:

— Leva-me, doce princesinha, leva-me! A minha ajuda terá talvez a mais necessaria de todas.

E a princesa, que amava sobretudo as rosas, despojou o roseiral do seu unico adorno. Já não cabia mais uma só flor em sua mão, que era muito pequena.

▲▲▲ A TRAVESSIA DA SELVA

Correndo, a princesa cruzou o parque e penetrou resolutamente na selva escura. Mas, a pedido das flores, a mattria espessa abriu-lhe passagem e a Princesa pôde passar sem que os espinhos a arranhasssem.

Em quanto avançava, era constantemente avisada sobre os perigos occultos que a ameaçavam por traz da folhagem ou debaixo das pedras.

De subito, a floresta se abriu numa clarice e Cinderella divisou uma casa, em cujo pateo uma velha tirava agua de um poço. Ao ver a agua, muito fresca e crystalina, a Princesa sentiu irresistivel desejo de beber alguma goles. E já a velha lhe offerecia o balde cheio, quando as flores exclamaram, em côro:

— Não bebas, Princesa! Se chegar a beber desta agua, perderás a memoria e nunca

CONCLUSÃO DA HISTORIA DA "GATA BORRALEIRA"

(Vem da pag. 32)

(Conclusão)

mais te lembrarás do teu filho.

A Princesa, apesar do fogo que a devorava, repeliu a agua que lhe era offerecida.

A velha ficou furiosa.

— Baixa a cabeça! — gritou-lhe repentinamente "Olho de boi". E apenas a princesa baixou a cabeça, passou-lhe por cima uma flecha venenosa que foi cravar-se no tronco de uma arvore proxima.

— Corre, Princesa, corre! — exclamou a violeta, tornando-se pallida de susto. — Retumbam pesados passos sobre a terra e temo que sejam as feras que nos vêm perseguir.

E a pobre Cinderella, aterrada e exausta, recomenou, a toda pressa, a penosa travessia do bosque.

▲▲▲ O LAGO DAS MIL ESMERALDAS

— O lago das Mil Esmeraldas?

— Já estamos chegando ao lago em cujo fundo está escondido o sapatinho — explicaram-lhe as flores. — Por nossa ordem elle te será entregue, pois que existe um secreto entendimento entre a vida vegetal da natureza. Mas, para que assim suceda, é preciso não perderes o contacto comosco. Se chegares a largar-nos, ainda que seja por um segundo, o nosso poder se perderia para sempre.

Os dêdos de Cinderella apertaram involuntariamente os talos das flores, mas estas não se queixaram.

O lago jazia meio escondido entre arvores frondosas, cujo verde se reflectia nas aguas, explicando-se assim o seu nome de Mil Esmeraldas.

— Attenção! — gritou a sempreviva.

E a Princesa notou que aparecia na ondulada superficie e ao seu alcance a ponta do anhelado sapatinho. Mas, no momento exato em que estirava a mão para apanhá-lo, uma aguia cruzou o lago, varrendo os juncos com as suas azas e levando o sapatinho no seu bico curvo. Do ramilhete partiu um gemido angustioso e todas as flores quedaram murchas na mão da Princesa. Só a rosa, cujo talo era mais resistente, lhe disse baixinho:

— Não esmoreças, doce Cinderella. Vamos ao campo das

amethystas, onde encontrarás a salvação. Recolhe a unica flor escarlate que achares entre elas. A flor vermelha nos salvará a todos.

Apressa-te, porei! Devemos chegar quanto antes ao ninho da aguia, na Montanha Azul.

▲▲▲

O CAMPO DAS AMETHYSTAS

Outra vez se poz em marcha a pobre mãe vacilante. Já não tinha as flores para animá-la. Não obstante, depois de muito caminhar, encontrou um campo que devia ser o que ella procurava. Mas entre tantas flores, ella não viu uma só flor vermelha.

Na sua grande afflictão, apertou com tanta força, contra o seu coração palpitante o murcho ramilhete, que os aculeos da rosa lhe furaram os dedos e uma gôta de sangue caiu sobre uma daquellas flores, transformando as suas petalas delicadas em formosos rubins. Cheia de admiração, a Princesa cortou-a, juntando-a ao ramo das flores desfalecidas. E operou-se um milagre: as flores amigas recuperaram logo o seu frescor primitivo.

— Marchemos, Princezinha! O tempo é ouro...

E a esse voz das flores amigas, a Princesa poz-se em marcha, reanimada e alegre.

▲▲▲ OS DOIS GUIAS

— Eu te ensinarei o caminho até o ninho da aguia — disse de repente uma voz que parecia surgir do fundo da terra.

Cinderella viu um caracol que se arrastava sobre o solo.

— Agradeço-te de coração a tua boa vontade — respondeu-lhe a Princesa — mas o teu andar é demasiado lento.

— Eu te levarei, rapida, ao cume do monte — exclamou uma bellissima mariposa que adejava em torno da Princesa.

— Ah! Tu, sim, porque tens azas.

E a Princezinha partiu.

— Em breve te arrependerás — disse-lhe o sabio caracol...

Emfim, notou o seu erro. A mariposa voava, mas sem rumo certo. Ia posando sobre os calices das flores. Parecia ter-se esquecido do fim do seu vôo. E numa das suas voltas voou

sobre o precipicio. Cinderella caiu sobre uma pedra, debaixo da qual corria um fio de agua pura. Aproveitou-o para lavar as dolorosas feridas que a marcha abrira nos seus pés e molhar as suas flores. Assim surpreendeu outra vez o caracol, que vinha subindo a escarpa.

— Já sabia do que ia acontecer. Eu conheço de sobra as mariposas. São frivolas e ligeiras, embora bonitas. Mas para chegar as alturas é preciso lentidão e prudencia. Assim como eu faço... Vou levar-te, afinal, ao ninho da aguia.

E sem esperar resposta, o caracol poz-se em marcha, seguido por Cinderella.

▲▲▲ NO NINHO DA AGUIA

O sol nascia, quando se ouviu o forte bater das azas da aguia que descia do seu ninho levando o sapatinho no bico.

A Princesa, erguendo a mão, deixou reflectir os raios do sol sobre a flor vermelha que colhera no campo das amethystas — symbolo do seu coração de mãe dilacerado pela perda do filho. Atrahida pelos reflexos, a aguia abriu o seu formidavel bico para apoderar-se da flor, que a encantava, deixando cair o sapatinho no regaço da sua afortunada dona e Princesa. A aguia, assustada, reencetou o vôo. E logo, de uma moita de cardos, ouviu ella uma voz, que lhe dizia (a voz do duende):

— Volta e encontrarás o teu filho na estrada.

— Adeus, Cinderella! — disse-lhe tristemente o caracol — Vae-te logo, que a descida, á noite, não é menos perigosa que a subida. Já não necessitas mais de mim...

Mas a Princesa já recebera uma boa lição e disse-lhe.

— Necessito de ti mais do que nunca. Foi por teu favor que chegsei até aqui. Teu aspecto é insignificante. Mas encarnou a paciencia, a perseverança e, por conseguinte, a vitória. Ficarás no jardim do palacio, por que todos precisamos dos teus serviços.

▲▲▲ O REGRESSO

De volta ao palacio, numa volta do caminho e à sombra de uma arvore, a Princesa encontrou o seu filho que lhe estendeu os bracinhos, sorrindo.

Cinderella collocou outra vez as flores amigas sobre os seus verdes talos e durante muitas gerações continuaram dulcificando-lhe a vida.

O Principe nunca soube do succedido. Mas a Princesa se encarregou, ella mesma, da guarda do sapatinho, a fiel "mascotte" da sua felicidade.



Grupo de alumnas que con-
cluiram o 5.º anno da Escola
Marquez de Olinda, da-
quelle cidade

P'ra Você
no Interior

Na Cidade de Ribeirão

(Photo Dario Ribas,
especialmente para
esta revista)



Um trecho da rua João
Pessoa



— R. Fructuoso Dias, Ribeirão, E. Pernambuco

rua Fructuoso Dias

"UM AGENTE DE POLICIA MORTO NA
ESTRADA DE RUTTLEY

Na noite de hontem, um automobilista encontrou, na estrada de Ruttley, o cadaver do sargento Colly, do Departamento de Policia. Colly, que se dirigia a pé para Bilton, afim de tomar o omnibus da cidade, depois de ter recebido ordens do seu superior, foi evidentemente atropelado por um automovel que lhe produziu ferimentos mortaes.

O seu dolman estava rasgado, faltando alguns botões. O uniforme apresentava marcas de um pneumático. A polícia investiga activamente o assumpto e convida a todos que tenham percorrido, à noite, a estrada de Ruttley, a se apresentarem naquelle Departamento".

Agora sabia tudo... Era o assassino do sargento Colly. Atirou instinctivamente o jornal sobre a mesa. Nesse momento entrava Gloria Wilson.

Estava formosa e viva, como sempre. Foi forçado a reconhecer que ella tinha personalidade e podia ser uma boa amiga e a caso de apuros. Devia confiar em Gloria? Não estava envolvido nessa trama por sua culpa?

Gloria aproximou-se tranquilamente da mesa.

— Saliu nos jornais? — interrogou, sem mesmo dar-lhe bom-dia.

Elle balançou a cabeça e indicou-lhe a notícia.

— Um sargento de policia! — observou Gloria. — Tenho pensado se João examinou ou não o botão de metal...

— Supponho que não, pois, se assim fosse, teria visto, desde logo, que elle não podia ser de mulher...

— E' certo. Então, você está a salvo. Um automovel que se chocou com um poste situado no desvio de uma outra estrada, a muitos kilometros do local do accidente, não pôde despertar suspeitas... Já não corre perigo algum, Henrique... Ninguem poderá provar qualquer coisa contra você.

Olhou-a, franzindo o cenho. Henrique! Era a primeira vez que o chamava assim.... Continuavam ligados por aquelle segredo e ella o fazia recordar...

A voz de sua mulher, que lhe dava — bom dia — interrompeu-o nas suas cagitações. Sentaram-se para o café. Gloria tinha razão. Não podiam provar coisa nenhuma contra elle. A unica prova possivel teriam sido as manchas de sangue no pára-lama e Gloria as fizera desaparecer. Mas, se apesar disso, João descobrisse algumas?

Deixou cair a chicara do café, com os dedos tremulos. João leria os matutinos, preferindo as reportagens policiais. Aquelle botão e uma só mancha de sangue poderiam pol-o na pista do segredo. Que fazer?

Vaudren pensou que só lhe restava um caminho possivel para pôr a sua honra a salvo: apresentar-se imediatamente à polícia. E decidiu-se.

Mas antes precisava falar a Gloria, em particular. Era curioso que fosse elle e não a sua mulher quem compartilhasse de um segredo que affectava a sua propria vida...

Mas Gloria illudia-o... Elle não advinhou que era uma tactica feminina, destinada a fortalecer o vinculo, que os prendia. Seguia Isabel como uma sombra, para aproveitar um monumento em

— P'ra Você —

NAS TREVAS
DO
CAMILHO

(continuação da pag. 35)

que esta a deixasse a sós, com o marido. Afinal, num impulso de colera, pôz o sobretudo e o chapéu e saiu.

Na reuniao do directoria da sua companhia esteve mais distraido que nunca e assignou todos os papéis, sem discutir. Na sua imaginação appareciam quadros lugubres... Testemunhas invisíveis entre as arvores... João descobrindo uma mancha de sangue... Via-se publicamente humilhado, balbuciando uma defesa em que ninguem acreditava, recebendo uma intimação para abandonar o clube, não se atrevendo a olhar, face à face, a sua mulher...

Tomou um taxi e fez-se conduzir ao clube. Almoçou ali, porque tinha medo de encontrar-se com Isabel e, mais ainda, com Gloria.

Mas, que podia fazer? Para cumulo de tanta complicação, nem sequer tinha a certeza de ter morto Colly... Talvez elle já estivesse morto e, nesse caso, apenas atropelara um cadaver. Não seria ridiculo e arriscado comprometter a sua vida e a felicidade de Isabel por um crime que talvez não tivesse commetido?

Ao regressar ao seu apartamento, encontrou um cartão sobre a mesinha do "hall", com a seguinte indicação: "Inspector Larsen. Departamento de Policia".

De maneira que já estavam nos seus passos... Appareceu a creada, que lhe disse:

— Sr. Vaudren, esse cavalheiro deixou dito que voltaria à tarde.

— Está bem — respondeu com ar distraido. — Avise-me quando elle chegar.

Dirigiu-se para a sala. Ali estava Gloria, sotinha, finalmente.

— Isabel saiu para tomar chá com algumas amigas — disse-lhe ella, insinuante...

— Viu este cartão? — perguntou-lhe Vaudren, mostrando-o.

— Sim. Voltará à tarde. Alegro-me por Isabel estar ausente.

— Você sabe o que isso significa?

— Sim! — exclamou Gloria.

— Mas eu... já o salvei!

Ella cria tel-o salvo! Pelo contrario. Aniquilara-o para sempre, arrastando-o ao lodo em que se debatiam os covardes...

— Nada pôde destruir a trama que preparei! — insistiu ella. — O que sucedeu nessa noite é um segredo que ficará para sempre entre nós...

— Qual foi o seu intuito assim procedendo? — disse Vaudren, desesperado.

— Só conseguiu peorar as coisas. Eu devo confessar a verdade à polícia. E isto equivalerá a reconhecer que agi como um covarde!

Ella enfrentou-o, com os olhos cheios de fogo:

— Procedi assim porque o amo, porque o comprehendo como nunca o comprehenderá essa boneca que é sua mulher! Iria eu permitir que um homem como você, de tanta personalidade, de futuro tão brilhante, se visse esmagado, tolhido, desgraçado por esse tão ingrato

episodio? Além disso, você não teve culpa que elle surgisse tão inesperadamente em frente ao carro. Nem sequer se pôde afirmar que você o tivesse realmente atropelado...

Vaudren escutava, esmagado, aquella rajada de paixão. De maneira que depois de lhe ter arrebatado a honra, Gloria queria fazel-o atrair a sua mulher... Fitou-a. Era uma mulher que tentaria qualquer homem com a sua ardente beleza. E oferecia-lhe o seu amor, um amor que seria tempestuoso e eterno, ao mesmo tempo. Gloria usara daquelle recurso para ligar-se a elle por um segredo, para chegar, por uma estrada vergonhosa, ao seu coração...

De subito, ella enlaçou-o com os braços pelo pescoço, beijando-o, apaixonadamente. Vaudren sentiu que os seus labios queimavam. Apartou-a de si, com gentileza. Sentia por ella o desprezo que podia ter pelos chantagistas... Aquillo era uma especie de chantage sentimental. Mas Gloria era uma mulher enamorada e um cavalheiro não podia tratar-a brutalmente... Não tinha motivos para duvidar da sua sinceridade.

— O inspector insinuou qualquer coisa a meu respeito? — perguntou.

— Não. Só perguntou o numero do carro e a estrada que percorremos.

— Então, por que declarou que voltaria?

— Explicou-me que precisava ver o proprietario do automovel.

— Compreendo. Direi tudo quando elle chegar.

— Henrique, não faça iso! Isabel ficará no conhecimento de tudo!

— Será necessário que ella tambem saiba...

Nesse momento chegou Isabel. Tiou o agasalho e sorriu.

— As Harrington fizeram-me demorar. Porque estão vocês tão excitados?

— Faze o favor de sentar-te, Isabel. Tenho alguma coisa a dizer-te... — avança Vaudren.

Ella sentou-se numa cadeira e fitou-o com os seus olhos leaes. Gloria dirigiu-se para uma das janelas e ali se conservou.

— Sucedeu que naquelle noite... — começou Vaudren — mas Isabel deteve-o.

— Sei tudo quanto se passou — disse ella. — Eu convenci a Gloria de que estava dormindo, mas não era verdade. Sei tudo... tudo... Que irás fazer?

— Dizer tudo à polícia. Não tardara em chegar o agente.

Isabel pôz-se de pé e deu-lhe com tanta energia que Vaudren se sentiu commovido. Esquecer-se de Gloria.

Sou a campanha e a creada anunciou o agente de Scotland Yard.

Vaudren foi recebido no "hall".

— Desejava falar comigo, inspector?

— Sim, senhor — respondeu o detective. — Lamento aborrecê-lo. Mas estamos na pista de um delinquente perigoso e queríamos que o senhor nos informasse sobre certos detalhes, como proprietario do auto 1938. — B. Esse individuo usava um carro da mesma marca e precisamos saber da hora exacta em que elle passou por Ruttley. E' acusado de um assassinato.

— De quem?

(Continua à pagina 42)



A Sobremesa

NAO é dos nossos dias o uso da sobremesa. Pelo contrario, é um costume que nos foi trasmittido dos nossos antepassados. Podemos mesmo dizer, sem receio de errar, que desde o começo do mundo que a sobremesa faz parte de qualquer refeição...

Verdade é que estamos de tal modo habituados a saborear as deliciosas sobremesas que não as podemos mais dispensar em nenhuma de nossas refeições.

Toda a dona de casa deve, pois, fazer todo o empenho para que em sua casa nunca faltam doces e deliciosos manjares que constituem sempre uma agradabilíssima surpresa após as refeições.

Tenho assim o prazer de apresentar as minhas gentis leitoras novas e interessantes receitas para as sobremesas da proxima semana:

* * *

Ameixas com creme batido

Põem-se para cozer 400 grs. de ameixas pretas com dois copos de agua e tres pe-

daços de assucar de beterraba, um pedaço de casca de laranja (muito fina), durante duas horas, em fogo brando. Depois se passa por uma peneira. Bate-se muito bem meio litro de nata com assucar. Põe-se o creme num prato e arruma-se em volta à massa de ameixas.

* *

Bolinhos de banana

Põe-se para cosinhar 4 bananas; depois de escorrer a agua, passam-se por uma peneira (de taquara para não ficarem escurras) e amassam-se com 100 grs. de assucar perfumado com baunilha, tres gemmas de ovos, 30 grs. de amendoas picadas, 60 grs. de farinha de trigo e uma clara batida. Vac-se tirando a massa com uma colher das de sopa e pondo dentro da gordura fervendo. Os bolinhos são passados no assucar e servidos quentes.

(Para facilitar a massa a largar da colher, mérkulha-se esta antes em banha fervendo.)

Castanhas com creme de chocolate

Põem-se as castanhas para cozer, depois de descascadas, com um pouco de assucar e uma fava de baunilha. Depois de escorrida a agua, as castanhas são passadas no passador de batatas, para formar no centro dum prato um monte de fios (formato que tomam no passador). Despeja-se com cuidado um pouco de creme de chocolate sobre o monte de castanha e o resto em volta.

* *

Pudim de claras

Batem-se bem 4 claras. Juntando-se em seguida uma a uma 4 colheres de assucar; juntam-se depois 4 colheres de amendoas secadas. Unta-se uma forma com calda de assucar quelmado e põe-se para cosinhar uma meia hora em banho-maria.

Tira-se da forma depois de frio e serve-se com um creme caramelizado.

MARY-ANNA.

Notas amenas e instructivas

O PUNHO



Fig. 1



Fig. 2

Passou já á categoria de velha historia aquelle conto do frade franciscano, avisadíssimo, que, sem violencia de nenhum genero, conseguiu descobrir entre um grupo de visitantes do convento, uma dama, que vestida de homem se introduzira n'ella, contra o que prohíbe a aper-tada regra d'aquelle ordem monastica.

O frade irmão-por-teiro convidou a sentarem-se todos os individuos do grupo visitante e, de certa distancia, atirou com uma maçã aquelle de quem desconfiara que fosse uma disfarçada intrusa. Esta, esquecendo o seu disfarce e por um movimento instinctivo, afastou os joelhos para aganhar no regaço a maçã, em vez de unil-os, como teria feito um homem. Assim a maçã caiu no chão e o artificio da dama foi descoberto.

Ha um meio mais simples ainda do que este para distinguir as mulheres dos homens e para o qual não é necessario nenhum accessorio. Basta pedir ás pessoas de quem se trata que fechem o pu-

nho. As mulheres fecham-no collocando o dedo pollegar extendido sobre o indicador, como se vê na figura 1. Os homens, pelo contrario, collocam o dedo pollegar sobre as duas ultimas phalanges do indi-

cador e do dedo maior, como indica a figura 2. Esta posição é a dos jogadores de "box", pois para os homens o punho é, mais do que outra coisa, uma arma de defesa.



Onde estão os cinco lóbos que buscam estes animaes?

Vendo meu affecto por Mavromati e para fazer-me perder os estribos multiplicou as hostilidades contra elle, repetindo cem vezes ao dia as antigas perversidades. Os patrões não ignoravam coisa alguma acerca desta situação, e, por mais de unha vez, surprehenderam estas scenas pouco edificantes, porém estavam preocupados com seus grandes negócios e se contentavam em fazer alguma advertencia. Que lhes importava aquillo?

Era tal meu desespero, que, com efeito, haveria renunciado ao meu emprego, que era o que buscava nosso inquisidor, tomado de rancores com as minhas maneiras para com o Capitão Mavromati.

Meu destino tinha resolvido as coisas de maneira diversa. Estava escrito que a minha marcha precederia uma victoria e a esta seguir-se-ia uma derrota, coisa que até então me vinha ocorrendo em todas as minhas idas e voltas pela superficie deste espaçoso mundo.

Certo dia de dezembro, apesar de haver adoptados todas as minhas habituas precauções, o Palurdo me surprehendeu com o diccionario nas mãos. A coisa não teria importancia si o Palurdo tivesse procedido como um homem; como meu inimigo, porém, elle andava inteiramente preocupado em encontrar o momento para desacatar-me. E precipitou-se sobre o livo.

— Que significa este livro tão volumoso e completamente novo? — vociferou, arrancando-me das mãos o precioso tomo — Como o podeste adquirir?

— E's um gatuno. Furtas dinheiro da caixa.

E me deu, em seguida, tal bofetada que me arremessou no chão banhado em sangue. Kir Leonida que chegava naquelle momento correu a ajudar-me, gritando furioso:

— Porque fizeste isso?

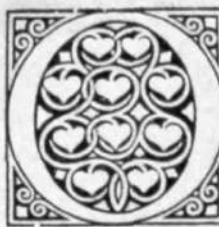
— Porque elle roubava a caixa, Kir Leonida! Olhe — e apontando o diccionario que o Capitão Mavromati me déra — elle comprou este grosso volume.

Naquelle momento nada pude contestar, porque deitava sangue a valer. Mifava a um e ao outro, comtemplando especialmente o capitão Mavromati que se havia levantado, lívido, temeroso, para protestar por mim, não fosse um terrivel acesso de tosse que o deixou prostrado na cadeira.

O patrão deixou-o ficar com o diccionario nas mãos e me levou a lavar o rosto que estava ensanguentado. E o Palurdo não fazia mais do que repetir:

— Rouba, sim! Ha tempos que eu desconfiava que elle estivesse a roubar a caixa.

— Tu', sim, é que roubas — pude em-fim gritar com todas as minhas forças — Com meus olhos vi-te conduzir para a casa da tua amante garrafas de vinho fino. Kir Leonida estremeceu, como si tivesse sido mordido por uma vibora, ao ouvir aquella afirmação que poderia ser facilmente comprovada. Porque não havia outras caixas de vinhos lacrados que as de um stock de um milhar de litros que não se vendiam. Era um vinho de trinta annos, e lhe chamavam "medicinal" pelas suas propriedades tonificantes; unicamente o consumiam em casos de enfermidade, em familia, ou quando presenteavam com elle a algum amigo; porém sempre a titulo de medicamento.



Capi-tão Mavromati

(Vem da pag. 11)

— Mente, senhor, mente para salvar-se! poz-se a dizer a gritos o Palurdo, pallido como morto.

— Isso iremos ver — disse o patrão — porem si disse a verdade, ainda que haja roubado a caixa, ponho-te na rua. As caixas estão contadas. E' um vinho que vale em ouro o que pesa.

— Todas as caixas estão em seu lugar! — balbuciou o culpado.

— Sim — disse eu — elas estão em seu lugar; porem na ultima fileira há umas cincuenta garrafas vasias, voltadas para a parede. Pude presenciar quando tu as esvasiavas.

Interveio o Capitão Mavromati e, sobrepondo-se a sua visivel repugnancia, disse:

— Do assumpto, esse do vinho medicinal roubado eu não sei nada, ainda que não ignore que o Palurdo tem em sua conta no banco dez mil francos. Não creio que os haja economisado do salario. Quanto ao diccionario deste rapaz, fui eu que lh'o dei no anno passado.

Ficou sobejamente demonstrado o crime do Palurdo que deixou incontinenti a taberna sem outro castigo que o de ser despedido. E eis-me agora convertido em senhor e criado da caixa, da taverna e de todas as desditas.

Minha mãe estava no setimo céo da felicidade. As mulheres do bairro não se cansavam de reptir-lhe:

— Deus o conserve muitos annos! Que rapaz!

+

Um dia sombrio de inverno, depois daquelle "feliz occorrença" recebo uma noticia dolorosa: havia morrido, durante a noite, o capitão Mavromati. Ful vel-o antes que o levasssem á sua ultima morada os poucos amigos sinceros que ainda possuia. E, com os olhos razes de lagrimas, soube que elle havia morrido sem ninguem que lhe dissesse no ultimo momento:

— Amigo! Meu irmão... Sim, eu te amei. Toda vida te amei!

No dia em que iam a enterrar o homem ao qual eu devia a "biblia" da minha adolescencia, sahi a percorrer a freguezia de Kir Leonida.

Ao regressar, quando passava perto do caes, distinguí o Danubio. Aquelle impi-

cavel revolucionario que havia estado gelado durante todo mez de dezembro e que acabava de quebrar durante a noite seu formidavel bloco de gelo. E agora, sereno, arrastava no seu curso um montão de fetos brancos.

Olhando o velho rio deixei-me ficar durante largo espaço de tempo. Estive assim demasiado tempo? Passei uma hora? Passaram duas horas. Deram, talvez, as doze?

Não sei de nada. Hoje mesmo o ignorei. Sei unicamente que o louco do Barba Zanetto me andava buscando por todas as partes e que ao ver-me ali, de brucos sobre o caes, se foi acercando de mim passo ante passo e me atirou no espaço. Nada mais nada menos do que por estar com raiva por haver eu demorado.

Lá embaixo, ouvi ainda o Barba Zanetto que, gesticulando como um chimpanzé, vociferava:

Com que entao, abandonas o restaurante e te permittes o luxo de contemplar o Danubio, para que eu te andasse procurando ha mais de uma hora?

Afinal, pude salvar-me. E ao chegar em frente ao patrão elle ainda me disse, encolerizado:

— Temos muita gente lá para servir! Sim, muita gente!

Eu o escutava. Quando acabou, tirei o avental, enrolo-o, formando com elle uma bola, atirando-o o mais alto que pude, no nariz, gritando-lhe:

E' possivel que tu tenhas muita gente em tua tasca; porem já não tens ao meu capitão Mavromati!

Algumas horas mais tarde, subindo para casa, quando passava pela avenida da Cavallaria, surgiu ante mim a caruagem funebre que conduzia o meu amigo para o reino em que não ha banqueiros, nem hespanholas, nem Palurdos, nem qualquer bons amigos. Iam atraç delle, com a cara enfastiada, umas dez pessoas.

— Adeus Mavromati!

— Adeus minha infancia!

**EMILIO FRANZOSI
GRAVADOR**

**PLACAS SINETES
CARIMBOS CUNHOS
GRAVURAS DISTINTIVOS
MARCAS ESMALTAÇÃO
OK**

**RUA do IMPERADOR PEDRO, II, 331
PHONE: 6362 RECIFE**

Consultorio de Clínica Medica

Só se aceitam consultas por escripto

A. L. (Recife). Recebi sua attenciosa carta de 10 do corrente. Queira usar o preparado "Anemona — ovaro — mamelina" ou então "Néo-regrina". Quanto á segunda parte de sua consulta, não lhe posso indicar assim, sem um exame geral, uma medicação efficiente. Escreva-me mais detalhadamente sobre o caso. Vou reabrir o meu consultorio ainda este mez. Appareça abi que lhe atenderei com o maximo prazer. E' possivel, mesmo, que fique radicalmente curada.

A. M. (Maceió). E' muito falha em informes a sua carta, caro senhor. Comprehende-se que não se pode fazer facilmente um diagnostico de ulcera gastrica, á distancia, sem os dados indispensaveis da semiologia medica actual. Ahi mesmo o sr. tem os recursos necessarios para o seu tratamento e conta com medico de reconhecido valor.

Quanto á sua "impressionante hyper-acidez" e para melhorar da "sensação dolorosa" que diz sentir no intervallo das refeições, use Neutralon belladonado.

Amaro da Silva Costa (Recife). O trabalho de minha autoria que o sr. viu anunciado nos jornaes, entre as communicações medicas da reunião annual da Sociedade de Medicina, não é uma conclusão definitiva a respeito dos hormonios do pancreas sobre a hypertension arterial. E' assumpto muito controvertido e não se poude chegar a um acordo quanto ao melhor medicação capaz de, se não regularizar, diminuir os estados tensionaes elevados.

A padutina, segundo varios autores alemaes, dá resultados notaveis na hypertension dita essencial, mas a sua applicação é vasta em disturbios outros do apparelho circulatorio.

No seu caso, embora Lassance affirme que a percentagem de syphiliticos hypertensos é pequena, (sete por cento), eu creio que seu medico andou acertadamente em não descuidar a sua lues evidente. Quanto ao mais, a medicação está boa e para a sua idade a sua pressão arterial não está muito aumentada.

D. C. (Recife). Deu-se mal com o uso da digitalina? O tratamento digitalico requer um certo numero de cuidados e a orientação de um medico. Nada posso adiantar sem submettel-a a um exame acurado.

Antonio Alves da Costa (João Pessoa). A malario-terapia tem dado resultado na tabes. Submetta-se a este tratamento.

N. F. A. (Recife). Mande despachar na sua Pharmacia de predilecção a seguinte formula:

Tintura de crategus	
Idem de meimendro	ana
Idem de valeriana	12 gr.
Glycerina q. s. para	40 grs.

Me. para tomar XL (40) gottas duas vezes ao dia.
Não ha de que.

Dr. Antonio Fasanaro.

COLLEGIO SÃO LUIZ DE GONZAGA

(REGISTRADO NA DIRECTORIA TECHNICA DE EDUCAÇÃO)
SIMPLISMENTE EXTERNATO E EXTERNATO COM
BANCA DE ESTUDOS

Director — BEL. ANTONIO PAULO DE CARVALHO
CURSOS: — Jardim da Infancia, Primario, de Admissão aos

Collegios equiparados e de Dactylographia

MENSALIDADES: — Jardim da Infancia, 10\$000 — 1.^a e 2.^a classes, 15\$000 — 3.^a classe, 20\$000 — Curso de Admissão, 30\$000 e Curso de Dactylographia, 15\$000 tres vezes por semestre — Banca de estudos, por mez 10\$000

AS MATRICULAS JA' ESTAO ABERTAS COMEÇANDO AS AULAS A 1 DE FEVEREIRO PROXIMO

Corpo docente formado por idópeos professores da Capital

PEÇAM OS ESTATUTOS
RUA DAS NYMPHAS, 112 — BOA VISTA
(Esquina com a Avenida Manoel Borba)
PHONE: 2628 —
RECIFE — PERNAMBUCO

(35.721)

SATISFAÇA A SUA
NOIVA! LEVE

BEIJOS DA FABRICA

Beija - Flôr

BEIJOS DE FRUCTAS E DE CHOCOLATE
SÃO OS MELHORES PRESENTES

born e lavava dois carros por vinte e cinco centavos, em uma idade em que ignorava que vinte e cinco centavos eram a taxa corrente para lavar um só carro.

JOHN DARROW, de Nova York, empregou-se com um salario de treze dólares semanais em uma companhia por ações, na qual se manteve satisfactoriamente, com uma só exceção: não existia dia de pagamento.

A muitos deve surprehender saber que GARY COOPER se chama, em realidade, Frank J. Cooper, e que FREDERICK MARCH é Frederic Mc. Intyre Biched, ARTHUR LAKE é Arthur Silverlake, e RODOLPHO VALENTINO era Rodolpho Alfonso Raffaelli Pierre Filibert Ingelmo de Valeitino d'Antongiolla.

EM HOLLYWOOD

GRETA NISSEN é Grethe Rutz-Nissen. LEW CODY é Servis Joseph Cote. ANITA PAGE é Anita Pomares. W. C. FIELDS é William Claude Duganfield. BETTY COMPTON é Lucien Compton. JEAN HARLOW é Harlean Carpenter. JUNE MARLOW é Giselda Goten. MARIE DRESSLER é Leila Koerber e GRETA GARBO é Greta Gustafson. BELA LUGOSI chamava-se, noutro tempo, Bela Lugosi Blasko. KEN TAYLOR, oriundo de Nas-hua, Iowa, limpava vidros de portas e janelas nos começos da sua carreira e recebia um salario de quatorze dólares por semana. SPENCER TRACY nasceu

A mudança de nome é um passaporte para a glória

(Vem da pagina 35.)

em Milwaukee e vendia revistas em um ponto da avenida Kunée. CONCHITA MONTENEGRO é madrilense e, na adolescência, era bailarina com uma irmã num café da sua cidade natal. A irmã ganhava uma somma equivalente a doze dólares por semana, e Conchita, oito.

MARION DAWS se chama Marion Douras; JOAN MARSH se chama Agnes Rosher, e DOUGLAS FAIRBANKS era Rudolph Ullman em uma época anterior à sua fama cinematographica.

AL JOLSON, o homem que iniciou o cinema falado, se chama, em realidade, Asa Yoelsen. ROBERT MONTGOMERY é Harry Montgomery, e JACK OAKIE fez-se na pia baptismal o nome de Lewis Dalaine Ofield.

MARY ASTOR é Lucille Langhanke. NORMAN KERRY é Arnald Hussey Kaiser e SAMUEL GOLDWYN é Samuel Goldfish. FORD STERLING, campeão dos photographos de Hollywood, é conhecido entre suas relações com o nome de George Ford Stich, e MADGE BELLAMY foi por algum tempo Margaret Philpott. FIFI DORSAY chamava-se Yvonne Lussier. FREEMAN F. GOSDEN é o verdadeiro

nome de Amos, como Charles J. Correll o é de Andry.

JOHN BARRYMORE e John Blythe. EDMUND LOWE nasceu em São José, California, e quando menino ganhava vinte e cinco centavos diários como empregado de um scriptorio de advogado. GEORGE O' BRIEN, de S. Francisco, começou a trabalhar em uma garagem, com a idade de quatorze anos, percebendo seis dólares por semana. Era sua intenção ser conductor de veículos, porém o destino o desviou para Hollywood. DOLORES DEL RIO nasceu em São Francisco, e seu apelido era Ansuncios. Seu primeiro trabalho remunerado — com dois dólares — consistiu em ballar em uma festa de beneficência.

KAY FRANCIS, moça de Oklahoma, foi secretaria de um homem grave de negócios que lhe pagava vinte dólares por semana. ALICE TERRY foi Alice Taaffe e BEBE DANIELS foi Phyllis Daniels.

ONA MUNSON nasceu em Portland e quasi obteve um bom emprego, com a idade de oito anos, escrevendo a um empresario theatrical de Nova York, afim de desempenhar determinado papel em uma obra muito conhecida. CHARLES C'APLIN nasceu em Londres e ganhou seu primeiro ordenado de seis centavos conduzindo uma cesta de carne para uma senhora que jamais havia visto um filme cinematographico.

(Trad. de PRA VOCE.)

— Do sargento Colly. Sem dúvida o senhor leu as fabulas dos Jornais. Mas são versões falsas, que fizemos intencionalmente publicar. Colly foi apunhalado e despojado de uma maléa, na qual conduzia joias valiosas do coronel Wilkins, o chefe da polícia.

— Mas... Foi atropelado, então, depois de morto?

— Não foi atropelado nunca. A notícia também é falsa.

— Neste caso, que deseja de mim?

— Estou encarregado de controlar os autos que passaram pelo local do crime, aquelas horas. O seu é pintado de azul escuro, não é verdade?

— Sim.

— Igual ao do assassino. Foi às 20 e 30 minutos quando se chocou com o pilar?

— Sim.

— E' tudo.

— Um momento, inspector... A verdade é que passei pelo mesmo trecho do caminho onde se deu o assassinato... Se

NAS TREVAS DO CAMINHO

(Conclusão)

a senhorita Gloria Wilson não o disse, é porque desconhecia o nome da estrada e porque naquele momento era eu que guiava. Num momento de maior escuridão, senti uma violenta pancada, mas não freei. Devia ter feito e João, o meu "chauffeur", encontrou isto no estribo do automóvel.

O inspector examinou curiosamente o botão e sorriu.

— Se isto o preocupa, fique sozinho. Pode ser que este botão tenha pertencido a Colly, mas o senhor não podia ter atropelado o corpo do sargento pela simples razão de que ele nunca esteve na estrada, mas num atalho contíguo, agradecendo-lhe, porém, a gentileza da informação.

Quando Vaudren voltou à sala, Gloria já ali não se encontrava. Aproximou-se de sua mulher e ajoelhando-se junto a cadeira, onde ella estava, escondeu o rosto no seu regaço.

— Eu sabia tudo — disse-lhe Isabel. Mas te conheço muito bem e comprehendo que acabarias por cumprir o teu dever... apesar de Gloria. Ella acabou de dizer-me que voltaria à sua casa, hoje mesmo.

E beijaram-se, reconhecidos.

Uma interessante e oportunidade publicação

(Conclusão)

Cory Brothers & Cia, Ltda. — Boxwell & Co. — Gomes & Cia. — Teixeira Miranda & Cia. — Alvaro de Carvalho & Cia. — Moreira & Cia. — Franco Ferreira & Cia, Ltda. — Manoel Pedro da Cunha & Cia. — Tecelagem de Seda e de Algodão de Pernambuco S. A. — Marques & Mesquita — M. Silva Gomes & Cia. — Companhia Industrial Pirapama — Castimiro Fernandes & Cia. — Cajueiro & Filhos — Carlos de Britto & Cia. — Cotonifício Othon Bezerra de Mello — Companhia de Tecidos Paulista. — Frederick Von Shosten — João F. de Carva-

lho & Cia. — Gomes & Irmãos — Sociedade Anonyma Grandes Cortumes do Barbalho — Loureiro Lima — Domingos Magalhães (Palace Hotel) — Amorim Costa & Cia. — Alfredo Fernandes & Cia. — Pestana dos Santos & Cia. — Companhia Antártica Pau-a — Companhia Souza Cruz — Fratelli Vila — Companhia Nacional de Navegação Costeira — Singer Sewing Comp. — Royal Mail Steam Packet Co. — Andrade & Irmãos — Azevedo & Cia. — Industria e Commercio Miranda Souza S. A. — Ayres & Son — Severino Almeida — Comp. Rovell S. A. — The Great Western Brasil R. Comp. — Azis Rabay & Cia. — Eugenio Nascimento & Cia. — Rossbach Co. — Duggan Hod Co. — Hotel Central —

Mendes & Cia. (Hotel do Parque) — Plácido Farias & Cia. — Quintas & Cia. — Bernar-

dino Silva — Antonio Lopes Moraes — Companhia Industrias Brasileiras Portella S. A.

Perfumaria Oriental

RUA JOÃO PESSOA, 233

MANTEM FINO SORTIMENTO EM
PERFUMARIAS E OBJECTOS
PARA PRESENTES

TELEPHONE N. 6252 :— RECIFE

VENDAS A' VISTA

PEIXE

É IMPOSSÍVEL FABRICAR MELHOR



ULTRAPASSA A SUA PRÓPRIA FAMA

PEIXE



SINGER

A MARCA QUE TEM
ATRAVESSADO GERAÇÕES,
PRESTANDO OS SEUS
PRODUCTOS SEMPRE OS
MELHORES SERVIÇOS
SINGER - é a machina de
costura destinada a lhe ser-
vir tambem.

CUSTA APENAS

40\$000
mensaes

SINGER SEWING MACHINE COMPANY

RUA DA IMPERATRIZ, 162

(Edificio SINGER)